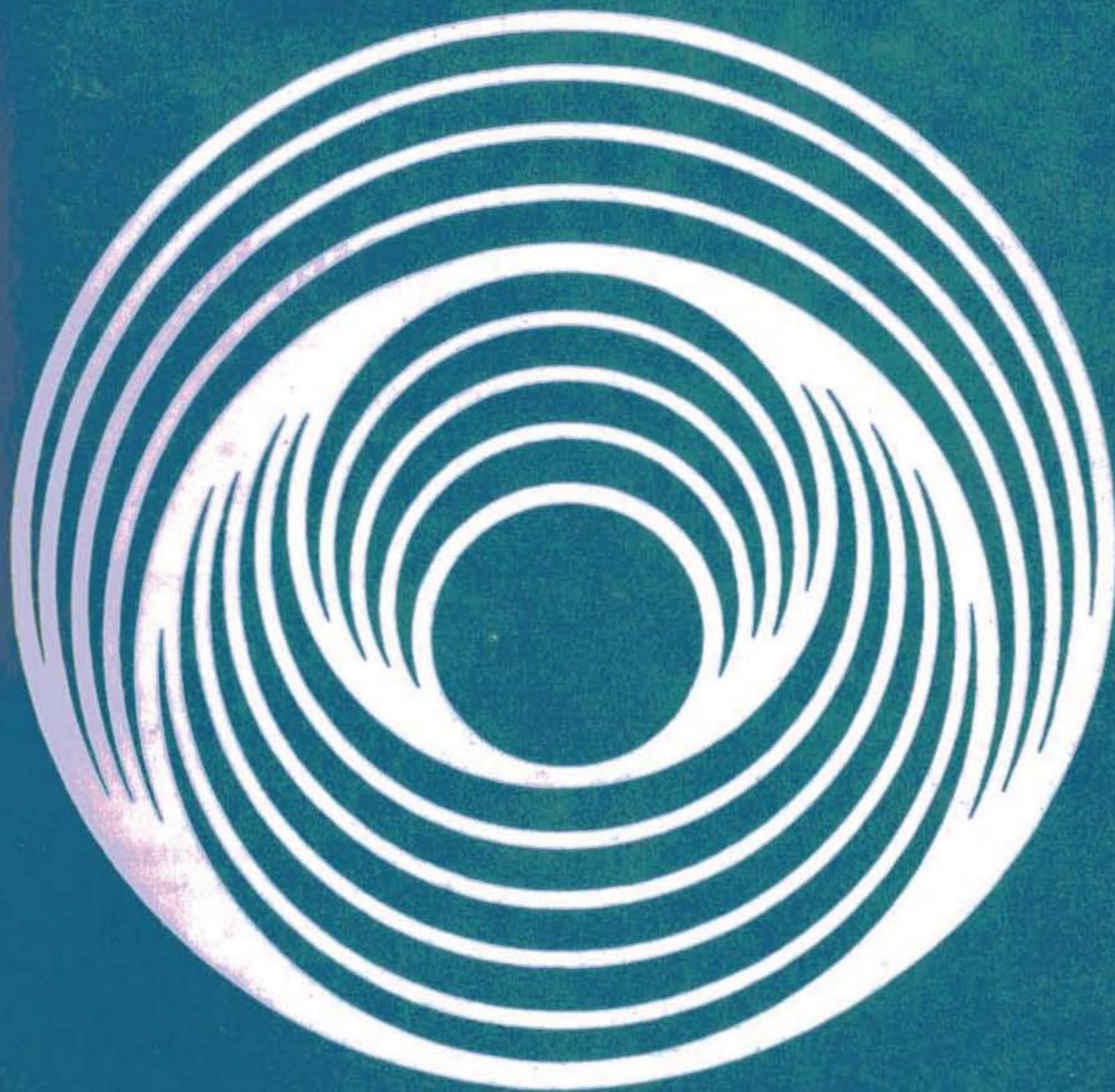


# convergência

ABR — 1975 — ANO VIII — Nº 80



- **DIA MUNDIAL DAS VOCACÕES**, página 136  
Mensagem do Papa Paulo VI
- **EVANGELIZAÇÃO E O MUNDO DO TRABALHO**, página 139  
Frei Luis Maria Alves Sartori, OFM
- **COMUNIDADE EVANGELIZADORA**, página 153  
Frei Huggo Baggio, OFM
- **A VIDA RELIGIOSA E A EVANGELIZAÇÃO NO CANADÁ, TENDÊNCIAS**, página 184  
Irmã Jeanne Dusseault, CSC

**CONVERGÊNCIA,**  
revista da Conferência  
dos Religiosos do Brasil

**Diretor-Responsável:**  
Frei Constâncio Nogara

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:  
Rua Dom Gerardo, 40 — 6.º andar  
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-  
NEIRO — GB

---

**Assinaturas para 1975:**

---

Brasil, taxa única (via  
terrestre ou aérea .. Cr\$ 75,00  
Exterior, remessa marí-  
tima ..... US\$ 17,00  
Avulso ..... Cr\$ 7,50

---

Os artigos assinados são da res-  
ponsabilidade pessoal de seus au-  
tores.

---

**Composição:** Compositora Helvé-  
tica Ltda., rua Correia Vasquez, 25  
Rio de Janeiro - GB.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da  
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,  
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



## SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b> .....	<b>129</b>
●	
<b>INFORME DA CRB</b> .....	<b>131</b>
●	
<b>DIA MUNDIAL DAS Vocações,</b> Mensagem do Papa Paulo VI	<b>136</b>
●	
<b>EVANGELIZAÇÃO E O MUNDO</b> <b>DO TRABALHO,</b> Frei Luís Ma- ria Alves Sartori, OFM .....	<b>139</b>
●	
<b>COMUNIDADE EVANGELIZADO-</b> <b>RA,</b> Frei Hugo Baggio, OFM .	<b>153</b>
●	
<b>INTERVENÇÕES DOS SUPERIO-</b> <b>RES GERAIS NO SÍNODO,</b> ou- tubro 1974 .....	<b>167</b>
●	
<b>SEGUNDA REUNIÃO INTERAME-</b> <b>RICANA DE RELIGIOSOS,</b> Co- lômbia, outubro de 1974 .....	<b>180</b>
●	
<b>A VIDA RELIGIOSA E A EVAN-</b> <b>GELIZAÇÃO NO CANADÁ.</b> <b>TENDÊNCIAS.</b> Irmã Jeanne Dusseault, CSC .....	<b>184</b>



Damos prosseguimento ao tema do ano: **Evangelização**. Lentamente vamos penetrando no seu âmago, descobrindo-lhe as diferentes facetas, os vastos motivos de esperança que o tema nos abre, as exigências que ele implica para a vida cristã no seu todo e para a vida pessoal de cada religioso.

É uma missão elevada descobrirmos e descobrir ao nosso irmão que somos filhos de Deus, amados pelo Pai e salvos. A partir desta descoberta não podemos guardar silêncio e fechar-nos. O amor verdadeiro não o permite.

Vivemos.

Testemunhamos.

Falamos.

Anunciamos uma Boa Nova

Evangelizamos. Ou seja,

damos de graça aquilo

que recebemos de graça:

a esperança, a alegria,

o amor, a salvação.

Evangelizar é atualizar na vida

de cada um, a salvação que Deus

ali colocou, desvendando

o mistério do amor salvador

que nos envolve, o sentido

profundo da existência,

a possibilidade sempre

renovada de superar

as limitações, o pecado,

a destruição, a morte.

Quem revelou a amplitude

deste mistério de amor foi

Jesus Cristo. Ele viveu o que

anunciou. Revelou o que sabia.

A partir daí podemos

compreender o que cada homem representa. Além disso, questionou os ouvintes ajudando-os a se libertarem de seus egoísmos e mesquinhas, sensibilizando-os para a fraternidade e comunhão. Sobretudo viveu a vida na plenitude do amor. Sua mensagem, a Boa Nova, por ser expressão de sua vida, produziu um efeito fantástico de transformação. Não raro esquecemos o procedimento do Senhor. Queremos ver transformações rápidas e amplas, como se fôssemos nós os salvadores. Cristo lançou a semente e deixou que ela germinasse e desse fruto a seu tempo. Ou seja, o homem caminha para Deus, talvez nem sempre pelos caminhos que nós, homens, achamos certos, mas é preferível que os caminhos sejam os de Deus, mesmo se tortuosos, incompreensíveis e desnorteadores para nós.

Cabe-nos uma tarefa: fazer que a Boa Nova do Senhor alcance todas as camadas da sociedade. Haverá impecilhos, barreiras, recusas, pecado, rejeição? Haverá. Como haverá sempre libertação e salvação.

Como fazer chegar a mensagem evangélica ao mundo do trabalho, aos operários, que dia a dia se tornam maioria? Que tarefa desempenham os religiosos

nesta missão? Sobre isso fala **Frei Luís Alves Sartori**, com experiência de mais de 20 anos em fábricas, na periferia de São Paulo. É um mundo com seus problemas característicos, que a maioria de nós desconhece ou conhece superficialmente e que no entanto encerra um desafio para nosso espírito apostólico.

Outra faixa de gente, quase no extremo oposto, vamos encontrá-la no artigo de **Frei Hugo Baggio** quando descreve a comunidade evangelizadora. Ou seja, até que ponto nós, religiosos, nos preocupamos com o bem-estar espiritual dos irmãos que vivem sob o mesmo teto. E o grupo-comunidade consegue testemunhar amor, presença de Cristo, ou como dirá o Autor, ser evangelizadora pelo trabalho, pela caridade, pela oração? Sendo a mensagem central do evangelho a comunhão, uma comunidade que vive plenamente este valor saberá transmitir aos outros e ser ela evangelizadora.

Reportamos no final quatro intervenções de Ministros Gerais durante o último Sínodo em Roma, mostrando como eles vêem a evangelização a partir da vida religiosa.

Possam estas reflexões lançar um pouco de luz em nossas vidas.

**Frei Constâncio Nogara, OFM**

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### DIRIGENTES DA CRB EM TODO O BRASIL

#### 1. Diretoria Nacional

**Presidente:** PE. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, jesuíta. IRMÃ IRANY VIDAL BASTOS, Missionária de Jesus Crucificado. PE. LUCIANO PEDRO MENDES DE ALMEIDA, jesuíta. PE. FALIERO BONCI, claretiano. IRMÃO LUÍS SILVEIRA, marista. D. TMÓTEO AMOROSO ANASTÁCIO, beneditino. IRMÃ MARIA RITA MORAES PÉRILLIER, salesiana. IRMÃ ELZA GIOVANELLA, catequista franciscana. IRMÃO HENRIQUE CRISTIANO VAN DER MAAT, Irmão de N. S. da Misericórdia. IRMÃ HERMENGARDA ALVES MARTINS, religiosa do Sagrado Coração de Jesus. IRMÃ MARTHA MARIA BRACCINI, Imaculado Coração de Maria.

#### 2. CRB — Manaus

**Diretoria.** Presidente: FREI ROBERTO THOMAS SISK, Terceira Ordem Regular. PE. HERMANO SCHILP, salesiano. PE. IVO SANTO RORATTO, palotino. IRMÃ CLEUSA COELHO, Mensageira do Amor Divino. IRMÃ JOSEFINA AINA, salesiana. **Executivo.** IRMÃ YARA DE SOUZA MAGALHÃES, dorotéia.

#### 3. CRB — Belém

**Diretoria.** Presidente: PE. BERNARDO HOYOS MONTOYA, salesiano. D. TIAGO VAN WINDEN, Ordem de Santa Cruz. IRMÃ LYGIA CONSTANTINO DA SILVA, N. S. do Bom Pastor. IRMÃ ALICE OLIVEIRA, dominicana. PE. JEAN HÉRBETTE, oblato de Maria. **Executivo.** IRMÃ ANA LUCILA REBOUÇAS, Missionária de Jesus Crucificado.

#### 4. CRB — São Luís

**Diretoria.** Presidente: PE. ODILO ERHARDT, Sagrado Coração de Jesus. IRMÃ SPECIOSA MARIA DE BARROS, missionária capuchinha. FREI PASCOAL ROTA, franciscano. IRMÃ ADÉLIA MONTEIRO, Missionária de Jesus Crucificado. IRMÃ CARMELA PANINI, catequista franciscana. **Executivo.** IRMÃ EDNA MARIA AYRES MESQUITA, missionária capuchinha.

#### 5. CRB — Fortaleza

**Diretoria.** Presidente: PE. JOSÉ HANRAHAN, redentorista. IRMÃ INÊS DE BARROS LIMA, filha da caridade. IRMÃ

## 8. CRB — Rio de Janeiro

**Diretoria.** Presidente: IRMÃ MARIA ANTÔNIA AZCUNE BELDERRAIN, Companhia de Maria. FREI HUGO BAGGIO, franciscano. IRMÃ MARIA DE LOURDES MACHADO, Sagrado Coração de Maria. PE. JOSÉ DE SOUZA MENDES, jesuíta. PE. MANUEL MARIA RODRIGUES LOSADA, mercedário. **Executivo.** IRMÃ ANA LEA DOS REIS MEIRELLES, Assunção.

## 9. CRB — Belo Horizonte

**Diretoria.** Presidente: PE. FÉLIX VALENZUELA, agostiniano. IRMÃO CLAUDINO FALQUETTO, marista. FREI SÉRGIO LOBO, dominicano. IRMÃ MARGARIDA MARIA DE ANDRADE, Religiosa do Sagrado Coração de Jesus. IRMÃ SÉRVULA BARBOSA, Providência de Gap. **Executivo.** IRMÃ MARIA AUGUSTA CORTIZO VIDAL, agostiniana.

## 10. CRB — São Paulo

IRMÃO DARIO BERTOLINI, marista. DOM JOAQUIM DE ARRUDA ZAMITH, beneditino. IRMÃ MARIA BENIGNA DO AMARAL GOULART, Congregação de Nossa Senhora do Bom Pastor. IRMÃ LEONI ABDALA, franciscana do Coração de Maria. **Executivo.** IRMÃO AFONSO LUDWIG, lassalista.

## 11. CRB — Curitiba

**Diretoria.** Presidente: PE. PELAYO COLINA PALACIOS, Sagrados Corações de Jesus e de Maria. IRMÃ MARIA CLÁUDIA ROSTEK, Irmãs de São Félix de Cantalício. PE. ANTÔNIO KREMAN, verbo divino. IRMÃ NÍVIA PADIN, do-

LUCILA MARIA DE MENDONÇA, Nossa Senhora do Cenáculo. IRMÃ MARIA IEDA MAGALHÃES DE SOUZA, dorotéia. FREI ADALBERTO PAULO DA SILVA, franciscano. **Executivo.** IRMÃ LINA MOTA SILVEIRA, filha da caridade.

## 6. CRB — Recife

**Diretoria.** Presidente: PE. MORISSETTE BERNARD, jesuíta. IRMÃ CECÍLIA SODERO POUSA, cônega de Santo Agostinho. IRMÃO JOSÉ ANGELINO FEITOSA, franciscano. IRMÃ MARIA LÚCIDA, beneditina. PE. GABRIEL HOFSTEDE, redentorista. **Executivo.** PE. GERALDO PENNOCK, redentorista.

## 7. CRB — Salvador

**Diretoria.** Presidente: PE. FÁBIO BÉRTOLI, jesuíta. FREI ANTÔNIO CARLOS G. CAJUEIRO, franciscano. IRMÃ YOLANDA BITTENCOURT BOMBINHO, cônega de N. Senhora. PE. TOMÁS CAVAZZUTI, jesuíta. IRMÃ VALDELÍCIA MARTINS DA SILVA, Congregação de Santa Teresinha. **Executivo.** IRMÃ CARMEN SOARES FERNANDES, dorotéia.

minicana de N. S. do Rosário de Montells. PE. GIOVANNI BATTISTA ERITTU, oblato de São José. **Executivo.** IRMÃ MARIA AUGUSTA PAULO FRANÇA, passionista.

## 12. CRB — Florianópolis

**Diretoria.** Presidente: IRMÃ ALZIRA POLI, salvatoriana. IRMÃ MAGDA KORBES, Divina Providência. PE. GERALDO DANTAS DE ANDRADE, Sagrado Coração de Jesus. **Executivo.** IRMÃ AUGUSTA PAULO DE LUCA, catequista franciscana.

## 13. CRB — Porto Alegre

**Diretoria.** Presidente: IRMÃO PEDRO RUEDELL, lassalista. IRMÃ INÊS PEREIRA LEITE, agostiniana. IRMÃ MARIA GABRIELA ARNS, Escolar de Nossa Senhora. PE. RODOLPHO CEOLIN, Sagrada Família. PE. MARCELO FABIANO SUCHARSKI, salesiano. **Executivo.** PE. ELOY OSWALDO GUELLA, jesuíta.

## 14. CRB — Campo Grande

**Diretoria.** Presidente: PE. EDMUNDO TWOMEY, redentorista. FREI PATRÍCIO

SALMON, franciscano. IRMÃ DILZA MOREIRA SILVA, salesiana. IRMÃ TEREZA MARANGONI, catequista franciscana. PE. ANGELO ADOLFO SANCHEZ, salesiano. **Executivo.** IRMÃ MADALENA KORBES, Divina Providência.

## 15. CRB — Goiânia

**Diretoria.** Presidente: IRMÃ MARGARIDA BATISTA DAS DORES, Missionária de Jesus Crucificado. PE. LUÍS MATOS, claretiano. IRMÃ ARLETE LOUSADA, carmelita da Divina Providência. IRMÃ ELENICE BUORO, irmã de São José. IRMÃO HUGO DEREOS. **Executivo.** FREI BERALDO MC. INERNNEY, franciscano.

## 16. CRB — Brasília

**Diretoria.** Presidente: FREI VENÂNCIO PIVATTO, capuchinho. IRMÃO RAYMUNDO GIASSOU, lassalista. IRMÃO ZEFERINO ZANDONADI, marista. IRMÃ RACHEL MELO MATOS DE CASTRO, Assunção. IRMÃ ILZA DE LOURDES ROCHA, Sagrado Coração de Maria. **Executivo.** IRMÃO CLÁUDIO BRANDÃO, lassalista.

## MEMBROS DA EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA

1. FREI LEONARDO BOFF, OFM. Caixa Postal, 23. 25.600 Petrópolis, RJ.  
2. IRMÃ LUZIA RIBEIRO DE OLIVEIRA, OSB. Rua do Mosteiro, 138. 30.000 Belo Horizonte, MG. 3. PE. VIRGÍLIO ROSA NETTO, CSSR. Rua Barão de Mesquita, 275 ZC-11. 20.000 Rio de Janeiro, RJ.

4. IRMÃ VILMA MOREIRA DA SILVA, FI. Rua Belo Horizonte, 18. 13.840 Mogi Guaçu, SP. 5. FREI SIMÃO VOIGT, OFM. Caixa Postal, 23. 25.600 Petrópolis, RJ. 6. IRMÃ LAURA GORGULHO, Providência de Gap. Rua Mena Barreto, 41 ZC-02. 20.000 Rio de Janeiro, RJ.

7. PE. FRANCISCO VINIEGRA, SJ. Rua Bambina, 115 ZC-02. 20.000 Rio de Janeiro, RJ. 8. PE. EDÊNIO VALLE, SVD. Rua Monte Alegre, 948 — Bairro Perdizes. 01.000 São Paulo, SP. 9. IRMÃO AFONSO LEVIS, FSC. Caixa Postal, 1105. 13.100 Campinas, SP. 10. FREI FERNANDO FIGUEIREDO, OFM. Caixa Postal, 23. 25.600 Petrópolis, RJ. 11. PE. JOÃO BATISTA LIBÂNIO, SJ. Rua Bam-

bina, 115 ZC-02. 20.000 Rio de Janeiro, RJ. 12. FREI CONSTÂNCIO NOGARA, OFM. Convento Santo Antônio. Largo da Carioca. 20.000 Rio de Janeiro, RJ. 13. IRMÃ HELENA MARIA FERREIRA, RSCJ. Rua Estela, 55 ZC-20. 20.000 Rio de Janeiro, RJ. 14. IRMÃ JEANNE MARIE TIERNY, OSU. Rua Fernando Ferrari, 75 ZC-01. 20.000 Rio de Janeiro, RJ.

## PEDEM RELIGIOSOS

### 1

#### **Pastoral de Paróquia. Jardim de Infância**

A comunidade local de MONTE VERDE precisa de duas Irmãs Religiosas, especializadas em pastoral de paróquia, jardim de infância e enfermagem. MONTE VERDE situa-se a quase 1.700 metros do nível do mar, duas horas distante de São Paulo e 36 quilômetros da Rodovia Fernão Dias. Pertence à paróquia de Camanducaia. MONTE VERDE é nova opção para fins de semana e temporadas, principalmente para paulistas. Sua população é formada

em sua maioria de lituanos, húngaros, austríacos.

MONTE VERDE, cercada de bosques e imensos pinheiros, é algo diferente e especial para descanso e lazer. Sua população e seus veranistas desejam muito a presença de Religiosas para a vivência comunitária cristã. Para informações mais detalhadas, escrever para Professor Afonso Engling, rua São Sebastião, 536. São Paulo, SP.

### 2

#### **D. José Gonçalves da Costa, CSSR** Presidente Prudente, SP

**Situação geográfica.** Pontal Paulista é uma região compreendida no triângulo formado pelos rios Paraná e Paranapanema, que separam o Estado de São Paulo dos Estados de Mato Grosso e Paraná, no sudoeste deste Estado. Trata-se do maior município do Estado de São Paulo, com sede em Teodoro Sampaio. O povoado, distrito de Rosana, ponto final do Estado, situado no

exato encontro dos dois rios, os povoados de Porto Euclides da Cunha, Santa Rita, Planalto, as populações ribeirinhas e das ilhas do rio Paraná vegetavam numa miséria inacreditável para o Estado mais rico da Federação. A região era o "recanto escuro". O próprio Governo a desconhecia. A situação social era pior do que a situação do vale do Ribeira.

Graças à intervenção da Igreja, o Governo despertou para integrar e desenvolver a região. O Plano Pró-Pontal, elaborado pelo Governo Natel, está sendo executado. Muita coisa já se fez e se faz. As Centrais Elétricas de São Paulo projetaram e já iniciaram um complexo hidrelétrico na região para gerar dois milhões e quatrocentos mil quilowatts. Nestes próximos anos serão carreados àquela região cerca de 20.000 operários.

**Um pedido.** Trata-se pois de um desafio e de uma questão de honra para Igreja, pioneira em desenvolver materialmente aquela região, animar agora este desenvolvimento com sua assistência específica, isto é, evangelizada e espiritual. Rosana dista 250 quilômetros desta sede episcopal de Presidente Prudente. Urge estabelecer ali

um vicariato episcopal, e em futuro não remoto, uma prelazia ou diocese. Precisamos urgente de uma Ordem ou Congregação Religiosa que queira assumir este trabalho de evangelização deste setor.

Quando cheguei a esta diocese, todo o grande município de Teodoro Sampaio não contava com um sacerdote sequer. Hoje trabalham naquele posto dois sacerdotes diocesanos, um na sede do município e outro em Rosana. O próprio Governo já se preocupa com o atendimento espiritual e, sem dúvida nenhuma, irá ajudar a Congregação que se dispuser à tarefa.

Para maiores e mais detalhadas informações, escrever para: Dom José Gonçalves da Costa, CSSR. Bispo de Presidente Prudente. Presidente Prudente, SP.

## MENSAGEIROS DO CONGRESSO MARIAL

Na cidade de Veranópolis, Rio Grande do Sul, reuniram-se em janeiro de 1975, 82 maristas e religiosas de todo o Brasil, numa semana de estudos mariais, teológicos e pastorais. Eles se constituíram Mensageiros designados para animar o Congresso Marial. Este movimento é uma resposta ao incentivo de Paulo VI na *Marialis Cultus*. Nada mais oportuno nesse Ano Internacional da Mulher, Ano Santo, Ano Eucarístico no Brasil, do que volver o olhar para Maria, a Mulher Nova, Mãe de Cristo

e Protótipo da Igreja. Os Mensageiros se comprometem a anunciar Maria, torná-la viva no meio-ambiente. Um mensageiro e uma pequena força. Necessita da colaboração de todos para levar a cabo sua missão pastoral: uma caminhada espiritual e comunitária, acompanhando a Maria em sua peregrinação de fé, à busca de Deus e dos homens. Assumir o Congresso Marial e fazê-lo acontecer onde quer que seja é revelar a dimensão marial do mistério cristão.

Dia 20 de abril é o dia dedicado à XII Jornada Mundial de orações pelas vocações. Sublinhando a solenidade, Paulo VI escreveu esta mensagem dirigida às Conferências Episcopais, às Conferências de Religiosos e de Religiosas, aos Sacerdotes, aos Pais, às Mães e aos Jovens.

# DIA MUNDIAL DAS VOCAÇÕES

Queridos Filhos e Filhas de toda a Igreja:

“A messe é abundante, mas os trabalhadores são poucos” (Lc 10, 2; Mt 9, 37). Quem dentre vós não se apercebe da flagrante atualidade destas palavras do Senhor Jesus?

É um fato que vós todos bem conheceis: é imensa a necessidade de sacerdotes, de religiosos e de almas consagradas. Se nalgumas partes já se começa a notar uma melhoria cheia de esperança, em muitas regiões tem vindo a dar-se um decréscimo inquietante das vocações, que ameaça fazer-se sentir seriamente no futuro.

É certo que esta diminuição das vocações provoca por vezes um despertar salutar das comunidades cristãs: os catequistas, os membros da Ação Católica e muitos outros leigos, admiráveis pela sua fé e pelo testemunho que dão, assumem responsabilidades e garantem a continuidade de certos “ministérios” que favorecem a vitalidade cristã dos seus irmãos e encarnam a mensagem cristã no âmago das realidades quotidianas. O seu papel é insubstituível. Anima-os, sem dúvida, o Espírito Santo. E Nós somos o primeiro a regozijar-Nos com esta promoção do laicado e a estimulá-la.

Tudo isso, no entanto — importa frisá-lo — não supre o ministério indispensável do sacerdote, nem o testemunho específico das almas consagradas. Antes pelo contrário, reclama-os. Sem eles, dá-se o perigo de a vitalidade cristã se apartar das próprias fontes, de a comunidade se esterilizar e de a Igreja se secularizar. Descurar o problema das vocações levaria, pois, a Igreja a correr um risco muito grave. Depois, isso seria ainda afas-

tar-se da vontade bem notória do Senhor, que disse aos seus Apóstolos: "Vinde após mim, e eu vos transformarei em pescadores de homens" (Mc 1, 17); e eles, de fato, deixaram as suas redes para O seguir. E a outros discípulos patenteou a mesma vontade noutros termos: "Vai, vende o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me" (Mc 10, 21).

Este chamamento do Senhor é uma graça inestimável. E estamos bem persuadidos de que o mesmo Senhor continua a fazê-lo ressoar no coração de muitos jovens e adultos. Por meio da Igreja, hoje como ontem, Cristo apresenta-se como Aquele que anuncia o amor incomensurável de Deus seu Pai; que outorga o perdão e o remédio para os corações e lhes traz a plenitude da sua Vida; que convida a construir, juntamente com Ele, sobre a verdade e sobre a caridade, um mundo novo, um mundo de filhos de Deus e de irmãos. É isso a Boa Nova, que é proposta, aliás, à fé de todos os cristãos.

Entretanto, quando o Senhor chama alguém, de uma maneira particular, mediante uma iluminação interior e pela voz da Igreja, para O servir como sacerdote, como religioso ou como membro de qualquer instituto secular, Ele suscita nessa alma e exige dela também uma preferência absoluta pela Sua Pessoa e pela obra do Seu Evangelho: "Segue-me!" Uma tal preferência é fascinadora; ela é algo susceptível de colmar o coração humano. Pressupõe, porém, uma atitude de fé bem firme. E está aqui, queridos Filhos, o nó do problema das vocações. A vontade corajosa para um compromisso total e definitivo para o seguimento de Cristo apresenta-se mais difícil ainda no nosso tempo, dado que a serenidade dos próprios crentes se acha consideravelmente transtornada. E é preciso ter uma confiança total para se abandonar ao chamamento de Cristo.

Depois, essa mesma preferência pressupõe também uma vontade de ruptura: ruptura, obviamente, com o pecado — mentira, impureza, egoísmo, ódio. E mais: ruptura também com certos valores humanos, que pertencem à ordem dos meios: as satisfações do amor humano, a riqueza, o êxito na carreira profissional, o prazer, o triunfo pessoal, o poder. Em contrapartida, para uma alma profunda, reta e generosa, os valores do Reino podem fazer-lhe encontrar: a alegria pura e simples, a sede de Deus encontrado na oração, o sentido do serviço dos outros e da solicitude pelas suas necessidades espirituais.

Mas, para tanto, como necessário se impõe ainda libertar-se do materialismo ambiente, para chegar a fazer uma avaliação assim, para tomar uma tal decisão. Há, pois, todo um clima que importa renovar, para que as vocações possam germinar e consolidar-se. E isso é tarefa que incumbe aos chamados; mas é algo que há-de interessar também, juntamente com

eles, toda a comunidade cristã. O Ano Santo é, na verdade, um tempo propício para isso: "Converti-vos e crede na Boa Nova" (Mc 1, 15).

É, pois, sob o signo deste Ano Santo — ano de conversão e de renovação na fé — que Nós, Sucessor do Apóstolo Pedro e encarregado como ele de confirmar os nossos irmãos, vos dirigimos repassada, a um tempo, de gravidade e de esperança, esta mensagem para o **Dia Mundial das Vocações**.

Nós a dirigimos a vós, Nossos Irmãos no Episcopado, de quem compartilhamos a preocupação perante a messe tão abundante e a escassez dos trabalhadores.

Nós a dirigimos a vós, sacerdotes, a fim de que mediante um reavivar em vós próprios o pundonor em servir a Cristo, com as tribulações e as alegrias do apóstolo, possais suscitar o apreço e o desejo do sacerdócio. Oxalá que a vossa fidelidade, a vossa esperança, bem como a unidade entre vós, testemunhem que se trata de uma graça incomparável.

Nós a dirigimos a vós, religiosos e religiosas, para que a liberdade e a gratuidade da vossa consagração exclusiva a Cristo, conjuntamente com a dedicação aberta a todos que ela permite, venham a transmitir amplamente o gosto pelo Reino de Deus, tornando o Evangelho atual, crível e atraente.

Nós a dirigimos a vós, educadores, a vós sobretudo, pais e mães de família, a fim de que a firmeza da vossa fé, a profundidade da vossa generosidade e o vosso amor à Igreja vos possibilitem preparar almas fortes, capazes de escutar o chamamento do Senhor.

Nós a dirigimos a vós especialmente, jovens — rapazes e moças — a vós adolescentes, a quem atrai a mensagem de Cristo e a quem sensibilizam as necessidades espirituais dos vossos irmãos. O homem não vive só de pão. Interrogai-vos a vós mesmos sob o olhar de Cristo.

Nós a dirigimos a vós, crianças. Cristo ama-vos com amor de predileção. E vós já sois capazes de dar uma preferência a Deus, que pode encaminhar a vossa vida toda para o seguimento de Jesus. Buscai-o com todas as veras do vosso coração, numa oração mais inflamada, no oferecimento da vossa vida e num apostolado de acordo com as vossas capacidades.

Que todos roguem ao Senhor da messe: "Senhor, vem em auxílio da tua Igreja!" Sim, as necessidades são imensas; e há tantas generosidades por aí. O chamamento e a graça do Senhor não faltam nunca. Que não venhamos a falhar nós em corresponder-Lhe.

A todos vós abençoamos, em nome do Senhor.

# EVANGELIZAÇÃO E O MUNDO DO TRABALHO

---

**FREI LUÍS MARIA  
ALVES SARTORI, OFM**

---

**Evangelização do Mundo do Trabalho significa:  
Tirar do Evangelho as motivações para que todos os componentes deste Mundo assumam todas as suas responsabilidades dentro da Empresa.**

## Colocações

Qual é o objetivo, o alvo de uma Evangelização dirigida ao mundo operário? Mas, pergunto eu: O mundo do operário e o mundo do patrão são dois mundo ou um só? Cada um tem tantos pontos típicos: mentalidade, linguagem, problemática, situação econômica, etc. que temos tudo para dizer que são dois mundos. E realmente são dois mundos. Mas, para desafio aos cristãos, são dois mundos reunidos em um conjunto inseparável: O MUNDO DO TRABALHO

“Divide et impera” diziam os romanos. “Aquilo que nos une é mais profundo que aquilo que nos separa” dizemos nós, usando esta frase do Concílio Vaticano II para o mundo do trabalho que é como um só corpo que faz casar as duas carnes: Patrões e Operários.

Os dois mundos: operário e patronal chegam a exigir do cristão e da Igreja toda uma pastoral específica, MAS AI DE NÓS! se os distinguirmos tanto, para nosso comodismo, que não tenhamos a coragem de vê-los unidos a nos desafiar dentro de uma realidade inseparável!

Assim como marido e mulher são duas carnes em um só corpo, mas conservam a sua personalidade individual, assim, o Mundo do Trabalho. São duas classes mas unidas em um só mundo. Cada qual tem sua personalidade típica. Mas como não podemos resolver os problemas familiares (que se chamam também conjugais porque são dois a carregarem o jugo comum) separando os dois cônjuges, assim patrão e operário se querem ver seus problemas

resolvidos têm que resolvê-los dentro da unidade do Mundo do Trabalho.

Insistimos nesta correção de óticas erradas logo no início:

A evangelização do mundo operário tem que chegar um dia a ser Evangelização do Mundo do Trabalho, tendo a coragem de enfrentar o desafio desta união entre duas classes. Evitando assim a divisão que tanto o Capitalismo quanto o Comunismo querem exacerbar a ponto de transformá-la em luta odiosa.

A descoberta dos pontos de contacto que se transformam em pontos de atrito e conflito já é uma arte de sensibilidade evangélica. Mais arte evangélica é transformar com a ação apostólica e a ação da graça tais pontos em pontos de soma natural, espontânea, simples, dos esforços e das forças.

É, aliás, o que adiante procuraremos mostrar como roteiro de uma evangelização.

Neste Mundo do Trabalho qual é o **centro** que atrai todas as coordenadas profundas? Porque existem muitas linhas que, saindo da superfície dos problemas podem iludir ao observador incauto, encobrindo aos olhos superficiais a causa última e radical dos mesmos.

Por isso distinguimos aquilo que é elemento e aquilo que é fundamento. O elemento é a economia; o fundamento é o trabalho. Elemento importantíssimo, vital mesmo para o mundo do trabalho, a economia é, porém, um instrumento na mão dos homens. O trabalho, entretanto, a afirmação da própria personalidade do homem, ou o próprio homem em

ação, ele, sim, é fundamento do mundo do trabalho. Se quisermos, pois, ter uma visão apostólica acertada do problema da Pastoral ou da Evangelização do Mundo do Trabalho temos que fugir desta onda de economismo a que se têm reduzido muitas das evangelizações que andam por aí. Elas só fazem reivindicações de justiça salarial; e se julgam satisfeitas quando satisfazem à justiça econômica. E perdem a visão da justiça total. Do homem total, que não é só **homo faber** ou **homo economicus**. O homem total nos dará a visão da justiça total. E justiça total proclama que a nossa luta é **POR MAIS DIREITOS E NÃO SÓ POR MAIS DINHEIRO**.

O economismo das reivindicações de "mais dinheiro" é muito imediatista. Como não atinge a raiz do problema fica na eterna e inglória corrida de aumento de salário, atrás do aumento de preços, de mais garantias econômicas. No entanto somente quando o operário obtiver **MAIS DIREITOS** é que ele passará à frente dos aumentos de preços e da desvalorização de seus salários.

Daí outra correção de ótica, logo no início da questão: evangelização do meio operário não pode ser reduzida a uma mera reivindicação de justiça econômica.

Claro está que mera conquista de **MAIS DIREITOS** ainda não é também evangelização. Mas, como atinge muito mais a profundidade da pessoa humana, está bem mais próxima do anúncio do mistério do Cristo, mistério pessoal de Deus comunicando-se por amor aos homens.

Por isso preferimos a linha de "**MAIS DIREITOS**" que leva o ho-

mem trabalhador a **SER MAIS**, e ser **MAIS HOMEM** dentro da empresa do que a linha de "**MAIS DINHEIRO**" que leva o homem a **TER MAIS**.

Com isto não queremos diminuir a importância da economia para a vida do operário tão injustiçado em seus salários que cada vez mais sofrem achatamentos. Queremos, porém, ressaltar a primazia desta linha: Somente quando a defesa do **SER** homem do operário lhe conferir, no contexto do Mundo do Trabalho, todos os seus **DIREITOS**, somente então a economia será humana e justa.

Importa-nos precisar então **COMO** e **EM QUÊ** o trabalhador poderá e deverá **SER MAIS HOMEM** dentro da Empresa em que trabalha. É esta mais uma das direções básicas que inspiram nosso roteiro de ação evangelizadora do Mundo do Trabalho.

Dentro destas três coordenadas colocaríamos uma definição do que julgamos apresentar como Evangelização do Mundo do Trabalho.

### **Uma definição**

Evangelização do Mundo do Trabalho é tirar do Evangelho as **MOTIVAÇÕES** para que todos os componentes deste Mundo assumam todas as suas **RESPONSABILIDADES** dentro da Empresa que é o seu centro e sua raiz, pelo único fato de ali trabalharem, e que assim alcancem a libertação do homem todo e de todos os homens deste Mundo.

E nesta frase sintética destacamos:

◆ que os participantes do Mundo do Trabalho tirem **MOTIVAÇÕES** do Evangelho;

◆ motivações que os façam assumir todas as responsabilidades e não só algumas que possuem;

◆ dentro da Empresa que é o centro, a origem, a raiz geradora de todo o Mundo do Trabalho;

◆ e a raiz das responsabilidades: o fato de darem o trabalho na empresa.

Que Motivações nos dará o Evangelho? Que responsabilidades serão as de alguém que trabalha numa Empresa de produção econômica? Por que a Empresa é tida como centro e raiz do Mundo do Trabalho? Por que o trabalho dado à empresa é a raiz de todas aquelas responsabilidades?

É o que pretendemos ver adiante.

### **As motivações do evangelho**

Quem milita em sindicalismo, só em sindicalismo como única fonte de inspiração para sua atuação no meio operário, ainda não está fazendo evangelização. Quem, inspirado pelo ódio de classes de um comunismo ateu, luta por alguma justiça válida para o operário, pode estar fazendo algo bom, mas nascido de uma fonte viciada que não tem em si todo o vigor necessário para levar a bom termo toda a libertação do homem.

O Evangelho tem uma fonte de motivação, de inspiração, genuína, completa, original e autêntica. É uma boa nova trazida, revelada pelo próprio Deus feito trabalhador. O

Evangelho tem aquele **ALGO MAIS** que nenhuma outra fonte pode apresentar tão garantida.

Isto porque o Evangelho não é só transmissão de uma verdade, não é só comunicar som de palavra, mas é transmissão de vida nova, de vida divina, é infusão do mistério dentro do cotidiano humano. E esta realidade divina sintetizada na expressão **EM CRISTO**, simples e humilde, faz toda a diferença. A Motivação do Evangelho tem um motor que é gerador de vida divina: sua motivação é algo mais que as comuns motivações.

E o que significa este **EM CRISTO** como motivação própria do Evangelho? Pura e simplesmente **QUE SOMOS TODOS IRMÃOS!**

Somos todos irmãos **EM CRISTO!** Deus amou tanto os homens que deu o seu próprio Filho para nós a fim de que tivéssemos vida e vida mais abundante, a saber, a vida da fé; da esperança e da caridade, vida divina vivida por homens como Cristo a viveu entre nós.

E é para viver em plenitude esta vida divina que se faz mister viver a vida em **VERDADE, JUSTIÇA, LIBERDADE E FRATERNIDADE**. Este simples fato: "somos todos irmãos **EM CRISTO**" é a motivação básica para a evangelização do Mundo do Trabalho.

Logo exigiremos para sermos irmãos, a primeira condição é sermos homens e sermos tidos e tratados como homens.

E ser tido e tratado como homem logo exige a condição fundamental que nos distingue dos animais: que tenhamos **VOZ**. E que esta **VOZ**

tenha **VEZ** não só para reclamar, para esgoelar, mas que tenha **VEZ** de **VOTO**, de decisão, de participação ativa, total e permanente.

Ai começa a pedra no sapato. Será que todos os componentes do Mundo do Trabalho se tratam, se respeitam como irmãos, como homens possuidores de voz, de participação?

E a pedra vai apertar os sapatos de ambos: tanto daquele que proíbe ao outro a sua voz, de se exprimir com vez de voto, como daquele que, tendo oportunidade e dever de participar, encolhe as mãos por irresponsabilidade, por omissão, por covardia, por comodismo.

E nestes dois sapatos apertados encontram-se ambos tanto o patrão como o operário. E aí o Evangelho começa a funcionar! O Evangelho obriga a todos e a cada um a assumirem sua responsabilidade total na vida interna da Empresa. Que responsabilidades serão estas todas é outra questão fundamental na Evangelização do Mundo do Trabalho, a pedra de toque principal. Transmitir tais motivações cristãs a operários quase pagãos, ou de um cristianismo rarefeito ou misturado de credices e ignorâncias é trabalho lento e silencioso de anos. Fazer da fé em Cristo o motor principal para operários e patrões levarem sua vida profissional dentro das linhas da justiça total, da verdade conscientizadora, da liberdade amadurecida é o alvo central da Evangelização.

E Evangelho não é uma ideologia. É algo não fabricado por um grupo de pensadores, mas vivência comunicada do alto que exige e supõe to-

do o esforço humano, mas é de origem superior.

Daí a diversidade entre uma evangelização que luta pela libertação do homem todo e de todos os homens do Mundo do Trabalho, e um puro sindicalismo, ou partido político também empenhados na mesma luta. Muitos pontos de contacto encontraremos no caminho comum, mas muita diversidade na inspiração. E esta inspiração é também garantia de plenitude e de base firme.

Cristo, como operário oferece realmente uma riqueza imensa de inspiração para motivar o operário a lutar pelo reino de justiça no Mundo do Trabalho.

### **As responsabilidades**

Para conseguir realizar esta libertação pela justiça total e pela verdade, operários e patrões têm que assumir as suas responsabilidades na empresa, responsabilidades devidas a eles só pelo fato de darem o trabalho. Que responsabilidades são estas? E por que o trabalho lhes dá tal responsabilidade? As responsabilidades são: ● as da eficiência e honestidade na produção; ● as da participação na direção da vida interna da empresa; ● as da participação na economia interna da empresa.

Assumir com competência a produção, trabalhando com amor, com atenção, com fidelidade à arte, desejando perfeição na obra feita, melhoria progressiva do produto, progresso no serviço que o produto presta aos irmãos.

Assumir com uma participação ativa de voz consciente, corajosa e

firme que vê as coisas, que tem criatividade, que usa a cabeça além das mãos, que usa a palavra além da cabeça, e tudo isto para unir opiniões, para somar palpites, vozes no concerto da direção coletiva e participada de todos. Participação propriamente humana porque expressa em palavras e fraternal em sua maneira personalista e igualitária.

Assumir os riscos da economia interna da empresa, participando das ações que podem dar o capital de giro necessário ao dinamismo e ao progresso.

Se tais responsabilidades forem assumidas equitativamente por patrões e operários haverá a integração das classes, e o ódio e a luta de classes fomentados pelos extremismos ideológicos do comunismo e do capitalismo serão alijados.

E a raiz de todas estas responsabilidades: o Trabalho. Porque trabalha, somente pelo fato de dar o trabalho, cada homem trabalhador deve assumir tais responsabilidades. Isto porque o trabalho sendo a mais radical expressão da pessoa humana, sendo o eixo em torno do qual se fazem as mudanças das eras na história, sendo o fundamento principal da constituição da empresa, dá a cada homem trabalhador a capacidade de falar e de votar. E de falar e votar com o alcance relativo ao campo de trabalho atingido por cada um. Isto porque trabalhar sem falar é próprio do animal: trabalhar e falar sobre seu trabalho é próprio do homem. Falar, pois, com voz, vez e voto é humanizar a empresa obrigando a cada um não só a trabalhar, mas a se interessar, a pensar, a participar do trabalho como

uma ação viva, como uma ação consciente e livre e com expressão viva da palavra humana.

## **A. empresa**

Por tudo isto se percebe que o fulcro, o centro, o eixo principal da vida do Mundo do Trabalho é a Empresa. Muito antes do operário ser classe em sindicatos que o representam, é família, é empresa. É ali, nesta primeira instância que ele vai atingir o problema da evangelização em sua raiz mais prioritária. Saltar esta etapa e querer atingir primeiramente ambiente classista é fugir da dificuldade natural existente no encontro radical de patrões e operários. Será colocar uma cortina de fumaça ilusória adotando direção massificante no apostolado, com preferência de quantidade classista à qualidade humana de operário desta empresa.

Daí devermos concentrar todo o empenho de evangelização dentro da empresa. É ali que atingiremos o mal pela raiz e a construção pelo fundamento.

A Empresa encontra-se no centro da vida econômica, da vida social e da vida política. Tem imensa influência na vida familiar, na vida moral e religiosa do povo, porque é dentro da empresa que a maioria dos homens passa a maior parte de seu dia e de sua vida e ali recebe o impacto lento de uma sorrateira influência diária.

Encetada corretamente a evangelização de uma empresa estaremos atingindo o Mundo do Trabalho em sua fonte e raiz, e o homem trabalhador em seu ambiente mais autêntico.

Imagine-se a grande motivação central do cristianismo: "somos todos irmãos" aplicada em todo o seu realismo e em toda a sua operacionalidade dentro de uma empresa. Levando todos a terem voz com vez de voto dentro dos limites a que a própria esfera do trabalho dado indica!

Abaixo veremos exemplos de concretização desta utopia libertadora.

## **Classe e sindicato**

O espírito de classe é muito forte no operário já um tanto conscientizado. Mas, é um espírito classista que pode derivar ou para uma massificação coletivista ou para uma luta de classes cheia de ódio e de destruição.

Sabemos que o encontro entre as duas classes dentro do Mundo do Trabalho, para sair da realidade competitiva e pagã em que se encontra, tem que passar por uma luta. Mas esta luta pode ser a dramática do mistério do Calvário; não precisa ser a luta trágica da destruição odiosa. E aqui o divisor de águas entre a Evangelização e os extremismos materialistas.

É claro que o cristão tem que chegar em sua evangelização também ao nível de classe. Sabemos da importância da classe, máxime em sua dimensão política. Se a voz de uma classe não chegar a ter peso político muita coisa não será resolvida a favor dos seus membros. Mas, favorecer com um excesso de divisões o monstro social das classes separadas em fundamento da economia, é algo anticristão e anti-social.

Aceitamos a distinção de classes com o fundamento na diversidade de trabalho. Mas sabemos que tal fundamentação sobre o trabalho leva os componentes do Mundo do Trabalho a uma luta PELA UNIÃO na justiça e liberdade, porque enquanto a economia é fria, cega, material e aliciante da cobiça, o trabalho é naturalmente humano e fraternal.

Valorizamos, pois, a classe operária, ou patronal e seu representante, o sindicato, tanto quanto ela e ele forem expressão conjunta de homens, de pessoas maduras, livres e conscientes e não massificadas. Combatemos todo o "obreirismo" que atribui à classe operária uma infalibilidade e um messianismo que, de fato, não tem.

Admitimos uma "simpatia" e um "parentesco", nas expressões de Paulo VI, do Cristo pelo operário, mas temos certeza de quem vai salvar o mundo é o CRISTO, e que seja pelo operário, mas É O CRISTO o único salvador e não o operário como classe.

### **Situação histórico-eclesial da classe operária**

Falamos de novo "classe operária". Explicaremos por quê.

No tempo da **Rerum Novarum** de Leão XIII, a famosa "questão social" citada e estudada por ele se identificava com as coordenadas da "questão operária". A novel questão operária era "a" questão da sociedade de então. Já na **Quadragesimo Anno** de Pio XI a coisa não era tão simples mais. A classe operária já se encontrava interligada com

inumeráveis outros problemas. Hoje, depois de **Mater et Magistra** da **Pacem in Terris**, da **Populorum Progressio**, da **Octogesima Adveniens** vê-se claramente o intrincado da "questão social". No entanto, podemos dizer que bem no centro ainda se encontra a questão operária, ou a empresa. Ponto de aferição pelo qual todos os problemas políticos, culturais, econômicos, familiares, sociais, passam necessariamente.

Ao lado disto ouvimos um João XXIII dizer na abertura do Concílio Vaticano II que queria que o Concílio e a Igreja fossem a Igreja e o Concílio dos "pobres" que na maioria dos lugares do mundo se identificam com os operários, com os quais tinham um parentesco muito próximo.

Ora, se colocarmos um círculo por cima do outro, veremos que na unidade que liga as histórias, hoje o Mundo do Trabalho ocupa na história, tanto secularizada quanto aquela vista sob o signo do mistério, o lugar central. Graças a Deus parece que a Igreja voltou suas atenções, um tanto esquecidas do operário e do mundo do trabalho, para este que foi e será sempre o mundo escolhido profissionalmente pelo Cristo operário, carpinteiro.

### **A ruptura**

Tristemente célebre é a realidade descrita pela frase de Pio XI: "O maior pecado de nosso século foi a Igreja ter perdido a classe operária". Com o maior respeito costume corrigir tal frase papal dizendo, para o caso do Brasil: "No Brasil, foi o pecado de nunca tê-la conquista-

do como classe". Ou como aconteceu numa porta de fábrica em que um Bispo acometeu sobre os operários com esta invectiva: "Por que vocês operários abandonaram a Deus?" e teve que escutar a resposta mais verdadeira que a pergunta: "Não fomos nós que abandonamos a Deus, foi Deus quem nos abandonou!" No sentido de que o Deus visível, palpável, Deus encarnado, feito homem, revestido da justiça, da liberdade, da paz social era a Igreja quem devia apresentar.

Por que tal ruptura?

Sem comentários, alinharemos causas vindas tanto da classe operária, quanto da Igreja constituída. É claro que o operário católico, o patrão católico são a Igreja no mundo do trabalho. Pois bem, a falha foi dos leigos e do clero, em relação a este mundo.

●

**Da parte da Igreja.** Escassez de clero, má distribuição do mesmo, falta de paróquias em bairros operários, deficiência de apóstolos leigos em qualidade e quantidade, ausência do leigo adulto no apostolado operário, apresentação falseada da economia da salvação, do Cristo, da Igreja, pastoral feita mais e principalmente com os ricos, inacessibilidade da nossa liturgia, falta de orientação comunitária nas paróquias, falta de apostolado ambiental, piedade e vida religiosa privatizada ou então agora muito socializada demais, o abandono dos homens na pastoral, o feminismo em nossa liturgia e pastoral, pastoral sem ligação com os problemas concretos, ruptura exagerada entre praticantes

e não praticantes (as panelinhas dos "santos"), ausência de organização de grupos, dificuldades em conciliar horários e hábitos de sacerdotes e operários, ausência de instrumentos de formação adaptados aos operários.

E ainda:

Tradicionalismo aferrado, conservadorismo jurisdicista, a surpresa do progresso, o comodismo, medo e ausência do sacerdote no meio operário, falta de sensibilidade no clero e nos cristãos burgueses pela classe operária, falta de formação do clero para tal mundo e seus problemas, receio de extremismos, o desconhecimento da Doutrina Social da Igreja, inadequação da linguagem na transmissão da mensagem evangélica ao operário, paternalismo descarado porque não conhece a justiça, falta de perseverança dos sacerdotes no apostolado operário, sentimento de inutilidade daqueles que perseveram, sentimento de solidão dos mesmos, falta de conhecimento e contacto com as realidades operárias, os problemas, as qualidades do operário, a psicologia do operário, as soluções cristãs para os problemas da classe, os erros extremistas espalhados na mentalidade operária, falta de uma pedagogia experimentada de evangelização especializada, improvisação irrefletida de métodos nesta evangelização, dependência exagerada do clero em relação à classe burguesa e rica.

●

**Da parte da classe operária:** instabilidade e abertura econômica (mudanças de emprego e de mora-

dia), influência da técnica pela automatização do homem operário, atitudes patronais de paternalismo, de desprezo, de exploração, ambiente corrupto e corruptor das fábricas, ausência de tempo, de horário, de dinheiro, de locomoção, novos regimes na sociedade, vários tipos de classe operária e de movimentos operários, as humilhações da vida operária, os contrastes da vida deles, a influência massificante dos grandes números e rebanhos humanos, a não admissão por parte deles da gratuidade de nossa missão.

Não admitem que sejamos realmente seus pastores, julgam haver necessidades mais urgentes que a salvação eterna (dissociação entre as duas vidas), imediatismo em querer logo resultados grandiosos, o primarismo humano sem base cultural necessária, o aburguesamento comodista do operário que começa a ganhar melhor, falta de visão e de interesse para maior progressividade, indiferentismo e desinteresse do operário até pelo seu sindicato, individualismo e educação individualista, ignorância religiosa, confusionismo religioso, despersonalização coletivista, mecanismo nas suas reações, embrutecimento do homem, revolta, escravidão em relação a outros e em relação à sua própria violência vingativa, politismo careísta na fábrica, desconfiança ou desespero de qualquer solução, mercantilismo (ganhou dinheiro, chega!), entreguismo derrotista e desanimado, timidez de muitos diante de outras classes, intimidação perante patrões, governo, política e o anticomunismo exagerado, agressividade repentina diante do bloqueio de todas as soluções e boa-vontade.

## **Missão do religioso no mundo do trabalho**

Entendemos o religioso como um “sinal simpático e contestatório” do mundo em que vive. Para ser simpático ele deve aproximar-se e ser entendido por todos os mundos em que vive; para ser contestatório ele deve ser portador de um “algo mais” que corresponda a uma boa nova para aquele mundo a que ele se consagra e se dedica. Boa-Nova esta que envolva toda a problemática do tal ambiente e o leve àquele horizonte perdido da utopia que lhe dará a única justiça, paz, liberdade e verdade.

É dramática a posição do religioso dentro principalmente do Mundo do Trabalho que é hoje o mais conflitante, o mais exigente de uma autenticidade evangélica. Deve ser muito agudo o sopro do Espírito para ter a criatividade capaz de propor pistas e pedagogias de evangelização que levem tal Mundo do Trabalho a sair do conflito e a somar suas forças.

A pobreza total do religioso que se consagra ao Mundo do Trabalho deve ser o selo da autenticidade da dedicação e do desapego em relação àquela economia que tem servido para dissociar as classes unidas pelo vínculo sagrado do trabalho.

Seu espírito de oração deverá provar que existe o eterno além do técnico e do mecânico. Seu amor ao irmão deve fazer patrões e operários descobrirem o valor da pessoa humana e a funcionalidade da justiça total. Sua perseverança em encarnar a todo o custo o diálogo de voz com vez de voto na vivência interna de

uma empresa deve dar a patrões e operários a certeza de que a esperança cristã não é uma abstração.

Ainda mais, se sua presença dentro de uma empresa consegue aliar o funcionário ao missionário, no sentido de que seu contacto não seja tanto com coisas mas com pessoas. Se nesta linha, ele puder exercer encargo de assistente social, de psicólogo, de medicina do trabalho, de enfermagem em fábrica ele (ou ela, a religiosa) poderá ser realmente sinal simpático e contestatório.

Ou, se fora deste esquema profissionalizante ele (ou ela) conseguir a penetração nas indústrias, que abaixo indicaremos, então terá além dos alcances antes apontados, terá grande liberdade de ação em vários outros setores da vida do mundo do trabalho, como são a família, o bairro e o sindicato.

Ainda mais, se os religiosos, (as religiosas) vivem ao rés do chão, se são profissionalmente identificados com operários, ao menos sociologicamente, em pequenas e pobres comunidades que sofrem o risco da vida, então sim o sinal que dão há de ser bem simpático ao mesmo tempo que bem contestatório.

A unidade comunitária sob o sopro do Espírito comum, a amizade quente, humana mas virginal, e a confiança na Providência hão de contestar sadiamente patrões e operários mostrando-lhes possibilidade de realização da utopia da unidade das classes em um só espírito e coação.

Dentro dos princípios e das realidades acima verificadas que tipo

de evangelização operacional um religioso pode e deve fazer no Mundo do Trabalho?

## **Evangelização do mundo do trabalho**

O que vamos aqui dizer não é elocubração homérica e cerebrina de mesa de escritório. É experiência sofrida, meditada, renovada habitualmente de todo o grupo do Unicolor que engloba sacerdotes, missionárias de Cristo Operário, operários já tornados em apóstolos do Mundo do Trabalho e patrões de várias empresas em que se fez reforma de estrutura, e de liberais dedicados vocacionalmente aos problemas sociais deste Mundo.

**Evangelização das Empresas.** O programa é extenso. Tempo longo se faz necessário. O processo tem sido o seguinte:

### **A**

O despertar de uma empresa para uma auto-consciência da necessidade e do valor de uma evangelização. Mediante um operário pessoalmente já conscientizado e formado na escola do evangelho dispara-se o processo.

Que ele espalhe entre colegas, principalmente algum líder ou os melhores líderes da empresa a preocupação pelo conhecimento profundo dos problemas operários ou do mundo do trabalho e sua solução cristã.

Quais são os nossos problemas? Onde se lhes apontar a causa mais profunda? Que soluções são plausí-

veis de se apontar? Como integrar na solução os componentes do Mundo do Trabalho, os patrões juntamente com os operários? Até que ponto o operário pode e deve se integrar na estrutura de uma empresa para a solução do problema? Que direitos e deveres ele terá para isto? De que formação ele necessita para assim se integrar?

São algumas perguntas que um bom apóstolo operário poderá jogar para fomentar o começo da consciência e do interesse.

## B

Como canalizar a reação a tais perguntas? Vários processos são usados, onde o religioso vai ter atuação.

Promover com o líder apóstolo no início uma lista com abaixo-assinado da maioria dos companheiros operários solicitando aos patrões, licença para atuação de um sacerdote ou religioso entendido em assuntos do mundo do trabalho e soluções cristãs.

Tal pode ser feita em pequenos grupos de interessados reunidos após o almoço em uma das mesas do refeitório.

Ou, se uma grande maioria se interessar, fazer uma série de debates com microfone e alto-falante no próprio refeitório apenas a maioria já tenha almoçado. O operário em quinze minutos está almoçado. Para ele costuma ser ótima novidade poder debater em público seus assuntos, em vez de todos os dias jogar seu baralho ou ficar vendo as moças lindas desfilar pelas calçadas das ruas de suas fábricas.

Tais debates já foram feitos em mais de duzentas fábricas e isto em vários centros industriais do país.

Chegaram a durar até setenta e cinco dias. O programa nascido do papo informal foi tomando corpo e hoje tem o seguinte roteiro: **Situações, Soluções e Condições.** Situações gerais de nosso tempo, situações sociais, políticas, econômicas, de mentalidade da classe e situação central. Soluções práticas e dinâmicas da estrutura da empresa. Condições: justiça, caridade e fé; anúncio do Cristo.

## C

Depois de quarenta ou cinquenta dias de papo, de criação de áreas para evangelização, provocamos a eleição, por seção, de representantes que dialogam com os administradores de empresa sobre os problemas por eles escutados dos colegas representados. E no final, após uns cinco dias em que se debate uma pura catequese com o anúncio explícito do Cristo, celebra-se à Missa, onde a grande maioria aproveita para se confessar, comungar, endireitar a vida com uma conversão preparada lentamente.

Empresas há em que tal equipe de representantes se reúne semanalmente, dentro do horário de trabalho para levantar problemas de sua seção, e propor soluções para os mesmos. Cada quinze dias, no mesmo horário está presente um dos gerentes da indústria responsáveis por uma série de problemas levantados. É o operário que começa a ter voz com vez de voto. Em todas estas reuniões está presente o sacerdote e a religiosa.

Com tais líderes natos, escolhidos em eleições bem preparadas em toda a fábrica, fazemos habitualmente dias de estudo e retiros. Reunimo-los quanto possível em Comunidades Familiares com reuniões mensais ou quinzenais, visitamo-los para aprofundar laços de amizade.

Especialmente os preparamos com a Doutrina Social da Igreja, a fim de que em sua atuação na análise dos problemas da fábrica tenham critério cristão para julgamento e para solução.

Naquelas fábricas cujos patrões, por algum motivo, não fazem o diálogo das vozes dentro do horário do trabalho, nós religiosos e religiosas seguimos o seguinte caminho:

## D

Fazemos fora da fábrica reuniões com os líderes operários lá conquistados, levantamos com eles os problemas e as soluções por eles mesmos propostas. Batemos à máquina cada problema, de cada seção, com as soluções levantadas. Procuramos jeitosamente visitar em suas casas os tais diretores em visita de cordialidade, de amizade e de exposição de nossos intentos de união; levamos todas as folhas com os problemas de todas as seções. Propomos a cada um o estudo de tais problemas. Se no fervor da amizade da visita, aceita, em vez de lhe entregarmos o "dossiê" dos casos, nós lhe pedimos uma outra visita. E esta com a companhia de dois ou três dos operários líderes daquela seção a que pertence tal diretor.

Fazemos o papel de mediadores, elevando os dois primeiramente ao

espírito cristão e depois provocamos o diálogo.

E assim combatemos o tal "peleguismo" que é atitude de venda aos dois lados. Nós queremos no meio a verdade, a justiça, a liberdade, para atingirmos tal fraternidade no mundo do Trabalho.

## E

Ainda no setor de Empresa, tentamos fazer várias vezes as Empresas Comunitárias, ou Comunidades de Trabalho. Forma que ainda não existe prevista legalmente no Brasil, mas que estamos já entrosando com o Ministério do Trabalho, da Previdência Social e com políticos, a fim de merecerem um lugar ao sol.

## No Setor Família

Como é simpática e eficaz a presença e atuação de um religioso dentro de um lar operário. Como os lares operários reclamam nossas visitas. Queixam-se mesmo, e até com azedume e reclamações, pela nossa ausência mais prolongada.

Querem não qualquer visita para "pegar o frango", ou o "cafezinho". Mas visitas para o "papo". Aquele papo a três para desabafo dos mais íntimos problemas de convivência conjugal.

Aliás, tal amizade com religiosos e religiosas é posterior ao fato de termos mais de 100 Comunidades de Casais (uns seiscentos casais) reunidos no que chamamos de Comunidades Familiares da Virgem Operária.

Com operários ora colhidos nas empresas (de preferência), ora co-

lhidos na vizinhança por algum líder de empresa, ora colhidos nos retiros mensais que fazemos para operários, constituímos comunidades de cinco a oito casais, com reuniões ora de reflexão e aplicação do evangelho, ora de temas conjugais, ora de apostolado de irradiação no próprio ambiente das soluções cristãs dos problemas das seções.

Com retiros de Vida Conjugal, trabalhista e apostólica que requisitam com frequência a presença e a doação dos religiosos.

No célebre "dever de conversar" que os casais aceitam fazer, quantas vezes, no início, é a presença de uma religiosa ou de um religioso que vai servir de apoio, de ponto de partida, de ajuda, até acertarem os esposos por eles mesmos os ponteiros do diálogo em Cristo.

## **E os retiros**

Outro setor onde a nossa específica missão de religiosos se concretiza. Pregar o eterno no presente. Contestar tudo o que há por aí na ordem temporal, apontando-lhe um "algo mais" ainda possível de ser visionado e vivenciado dentro do regime da contingência e do relativo.

E nós os fazemos mensalmente em todos os vários lugares e dioceses onde temos nossa evangelização do Mundo do Trabalho. Encontros com o Cristo, em formas muito simples, papos ao ar livre, conferência em estilo de contestação socrática em diálogo de aprofundamento, pregações muitas vezes feitas pelos próprios operários mais antigos e cristianizados.

Nossa presença nos círculos e nos plenários são ocasião de muito depoimento e aprofundamento tipicamente escatológico, simpático e contestatório, altamente positivo.

## **E a oração**

Mais que retiros, o despertar do operário para o espírito de oração é missão própria e gostosa para nós religiosos. Num mundo ocidental que desperta para um orientalismo de meditação transcendental, nossa missão de "homens de oração" encontra vasto e específico campo de ação.

A introdução de leigos, patrões e operários, no mundo do mistério cristão, da mística autêntica é algo que chega a empolgar a gente pela recepção profunda, simples e decidida com que a coisa é aceita.

Fazemos com eles, de ambas as classes, Retiros de Oração, ou Encontros com o Espírito, ou Retiros de silêncio. São os mais bem recebidos. E no final de tais retiros, quantos já fizeram aquele gesto lindo de se consagrarem a Deus com um voto todo especial: o voto de oração mental diária. Mais de cinquenta leigos já o fizeram. Em reuniões mensais, em grupos regionais, nós os encontramos para renovação do Espírito. Fazemos vigílias de adoração e missa, por toda a noite. Lemos e comentamos obras dos bons místicos da Igreja, um São João da Cruz, um Tomás Merton, que aliás têm muito mais que dar aos operários do que um Seiko-no-ye que tanto os atrai, que os gurus indianos que por aí andam com o Zen, o Taoísmo, o Zen-Avesta, o Hata Yoga, etc.

O depoimento dos que cultivam tal oração é o mais consolador possível.

## **Apóstolos e líderes cristãos do Mundo do Trabalho**

A seleção e a promoção se faz num processo normal de crescimento.

Ora eles vão surgindo naturalmente. Ora a gente os convoca e os provoca. A peneira do tempo é rombuda e muitos são os que escapam das malhas, porque não é brincadeira levar o Evangelho ao Mundo do Trabalho. Em alguns lugares convocamos e os convocamos para se aprofundarem em vários temas necessários ao seu desenvolvimento: legislação trabalhista, previdência social, direito civil, noções de política, noções de direito constitucional, doutrina social da Igreja, curso bíblico, sindicalismo, noções de economia, religião.

Em seu crescimento normal eles vão assumindo as responsabilidades acima referidas. Sem barulho, em silêncio, sem pressa mas sem preguiça, sem orgulho obreirista, sem economismo exagerado, com luta mas sem ódio de classes, luta dramática segundo a pedagogia do oprimido que ensina ao opressor o diálogo. E nós, religiosos no meio deles, patrões e operários, entendendo os seus problemas e ajudando-os a descobrirem no Evangelho o caminho da justiça e a força do mistério para realizar tal caminho para o fraternismo.

É de se concluir que de tal contacto com operários líderes, o religioso e a religiosa fiquem conhecidos também em sindicatos.

## **Classe e sindicato**

Encurtando este final podemos dizer não só de cursos já dados em vários sindicatos, mas da orientação cristã positiva dos operários sindicalizados no sentido deles, cristãos e do movimento, se unirem em alguma chapa e de conquistarem a direção de sindicatos grandes, pelo menos em cidades grandes do interior. Nas capitais, houve autoridades pela competência e experiência diuturna, que nos aconselharam a não perder tempo, pois os grandes sindicatos são ou de um peleguismo ou de um politicismo, e por isto inautênticos. Melhor seria atuarmos em formar quadros de líderes e apóstolos cristãos nas indústrias para um dia "minarem", de dentro para fora, a palhaçada de muitos sindicatos.

## **Convite para comunidades**

Aos religiosos e religiosas interessados não só em estagiar, mas em constituir até comunidades sacerdotais mistas de evangelização do mundo do trabalho, com uma vida ao rés do chão, ao sabor do risco e da Providência, totalmente dedicado a tal mundo queiram dirigir-se, para mais detalhadas informações, a: Frei Luís Maria Alves Sartori, OFM. Caixa Postal, 10545. Telefone: 93-2859, São Paulo, SP.

---

FREI HUGO D. BAGGIO, OFM

---

## COMUNIDADE EVANGELIZADORA

- ◆ Na oração
- ◆ No trabalho
- ◆ Na caridade

**Oração comunitária  
não é um grupo  
de pessoas que rezam  
individualmente.**

### 1. Comunidade: nova família

Quando Cristo chamou os discípulos para o seguirem, o Evangelista registrou que eles deixaram as redes e o pai. Ou seja: deixaram seus instrumentos de trabalho, pois, embora continuando “pescadores”, manejariam instrumentos outros. Deixaram o pai, ou seja: deixaram o chefe de família e, conseqüentemente, deixaram a própria família, exigência que, mais tarde, Cristo explicitaria melhor. Em outras palavras: trocaram de ofício e trocaram de família. Ingressaram numa nova família, no novo grupo, ao qual caberia não só continuar a tarefa iniciada pelo Cristo, mas inaugurar também um novo tipo de comunidade, logo compreendido pelos primeiros cristãos de Jerusalém, tipo de comunidade que de um lado era continuação e evolução, mas do outro início de nova fase comunitária, na história dos homens e, particularmente, na história da Igreja (1).

Cada um de nós, ao entrar na vida religiosa, entrou numa comunidade. Talvez, não raro, nos deixamos impressionar pela forma externa e material, descuidando-nos de lançar nossa atenção sobre o vigor interno-espiritual, que o gerador da comum união. “O elemento interno-espiritual que gera esta comunhão ou união — como é o espírito de ser — com o(s) outro(s), espírito que só é possível quando alguém vê em si próprio o mesmo que vê no(s) outro(s), vê a própria identidade também no(s) outro(s) ou seja, tem do(s) outro(s) a mesma compreensão que tem de si próprio. Quer dizer, quando há autocompreensão comum” (2).

E por nos fixarmos tanto no elemento externo ou jurídico, perdemos de vista a riqueza interna, dando assim nascimento a uma série de sofrimentos e situações de difícil solução e perdemos, sobretudo, a força formadora da comunidade e a resposta que ela carrega em seu interior. Com isso nossas reformas, predominantemente externo-materiais, trazem o sabor amargo da desilusão, porque quanto mais longe da fonte for apanhada a água, menos pureza contém e menos capacidade saciadora carrega em si. Seria de meditar se nossa exigência não se orienta mais no sentido egoísta do que podemos extrair da comunidade — ou no sentido do que pode a comunidade nos dar — quando deveríamos nos preocupar com o que podemos dar a ela. Porque, assim focada a comunidade, as soluções vislumbradas e elaboradas em nossas reuniões tornam-se, em breve, miragens. E não podia ser diferente, pois, por mais camuflado que seja, é sempre nosso egoísmo que está comandando o barco. E o egoísmo é cego e não consegue diblar os recifes.

Afinal de contas, sem pretendermos dizer novidades, a comunidade não é um corpo etéreo, uma ficção da imaginação, ou algo informe dentro do qual somos mergulhados. Ela é uma realidade construída pela soma dos esforços de cada um. Como seu saldo negativo é, igualmente, a soma dos saldos negativos de cada um. Assim, obedecendo a uma lógica, poderíamos arriscar a afirmação: não é a comunidade que fracassa. Cada um dos seus membros fracassou antes. Não é a comunidade que é bem sucedida. Seus membros

foram, antes, bem sucedidos. Não existe uma comunidade medíocre e sim uma soma de membros medíocres. Sinceramente encaradas estas afirmativas, elas nos levam à descoberta, de forma mais clara, de nossa posição dentro da comunidade. Descobriremos, sobretudo, que a força que nos mantém dentro de uma comunidade não pode reduzir-se a alguns interesses sociológicos ou à busca de garantias e seguranças.

É alguma coisa mais forte que, ora com maior ora com menor clareza, faz com que no fundo de nós mesmos ouçamos uma voz a nos dizer que ainda vale a pena permanecer na comunidade, comungar de seus ideais, colaborar com ela, para levar adiante a tarefa que lhe é própria, e que por ser própria a cada comunidade é tremendamente pessoal a cada indivíduo que pertença à comunidade. Por isso, ainda somos capazes de viver em comunidade com a mesma missão das primeiras comunidades: testemunhar o amor de Deus no meio do mundo. Bastaria entender, em toda sua profundidade, esta verdade de que a comunidade recebeu a missão de testemunhar — ou melhor tematizar — o amor de Deus derramado no mundo, para dispensar todas as argumentações e provas. Entendida esta verdade, bastaria partir para a vivência, e poderíamos dispensar todos os artigos a respeito, inclusive este.

Mas para tanto necessitamos de uma série de atitudes frente à comunidade. Atitudes que devem ser buscadas em cada um de nós, porque ainda que tênues, lá estão no

fundo de cada um. Antes de tudo, se nos pede sejamos suficientemente **realistas** para ver as imperfeições da comunidade, aceitar-lhe as limitações, uma vez que ela se compõe de um grupo de indivíduos que, em qualquer outro gênero de comunidade, experimentariam o quanto é duro freqüentar a escola onde se aprende o ser-um com os outros. Devemos ser suficientemente **maduros** para não nos decepcionarmos quando surgem os problemas de relacionamento dentro do grupo, lembrados do paralelo: quem compra um carro, compra os riscos próprios de um carro: pneu furado, derrapagem, motor fundido, desgaste de bateria, árvores, postes pela frente. São acidentes inerentes ao carro. Podem não acontecer, mas podem acontecer. Devemos ser suficientemente **lúcidos** para não confundir problemas comunitários com problemas vocacionais, jogando, muitas vezes, fora um ideal em troca de decepções ou incompreensões comunitárias. Confundimos o externo de um problema com a existência mesma de nossa vida religiosa. Devemos ser suficientemente **adultos** para não pedir à comunidade mais do que a comunidade nos pode oferecer.

Não se peça, como dizia Cristo, uva ao espinheiro ou figos à aboboreira, uma vez que também a comunidade atravessa suas fases, desde a tensão inicial, até a fase da virtude. Devemos ser suficientemente **humildes** para confessar que precisamos da comunidade, desde que acreditamos no gênero de vida que abraçamos. A vida religiosa tem uma finalidade e é pela comunidade que a atingiremos. Enfim, deve-

mos ser **homens de fé** para descobrir que o projeto de Cristo e de Deus em nossa vida será levado à consecução através da comunidade. Esta fé nos diz que é na comunidade que nossa missão lança suas raízes e vai beber a seiva vivificante e alimentadora para, depois, derramar-se em forma de trabalho apostólico, na construção do Reino. De uma comunidade vigorosa nasce uma ação vigorosa. Mas para que a comunidade possa fornecer este vigor deve compor-se de personalidades vigorosas. Como a árvore frondosa que encontra no solo rico o manancial de sua exuberância.

A fé também me ensina que a comunidade se enfraquece cada vez que lhe nego alguma coisa, pois a estou privando de uma riqueza que em mim foi colocada para ser passada adiante, porque Deus não me fez açude estagnado de graças, mas riacho corrente, em ânsias de banhar margens esquecidas. Por isso minha recusa pessoal é um prejuízo para o todo. Então, meu voto de pobreza me questiona, porque os dons que me foram concedidos são dons sociais, isto é, pertencem aos que me cercam. Nestes que me cercam exerço os meus dons e neles os amplio. E quando não consigo atingir as margens daqueles com quem me limito no dia-a-dia, como poderia pretender inundar as campinas sedentas lá na distância?

## 2. Comunidade: missão

Não será, então, difícil discernir a responsabilidade que cabe a cada um dentro da própria comunidade. Compreender e aceitar. Porque só do aceitar nascem as alegres inicia-

tivas que, na simplicidade ou nos rasgos épicos, escrevem, ainda hoje, páginas semelhantes aos primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos, que fazem os homens parar admirados e fazem Deus sorrir de alegria. Desta responsabilidade pessoal nasce a missão individual: **manter em ritmo vivo a comunidade** que nos foi confiada e na qual fomos colocados, para dar e receber.

A semelhança dos riachos que unidos descem da montanha, fundir nossas pobres águas num todo rico que fará novamente rodar a roda emperrada do velho moinho, que encherá de água abundante o tanque da lavadeira que se servia de uma poça de água, que banhará os canteiros já desanimados pela estiagem, que fará transbordar o açude já cansado de esperar dias de fartura límpida, que animará com música a floresta já triste porque a água não mais cantava por entre suas pedras. Manter vivo o ritmo da comunidade significa criar uma comunidade viva. E só é viva a comunidade que se comunica. Esta comunicação é ritmo, é alternância, é dialética, é claro-escuro, é confronto, é encontro e superação de contrários. Por isso, para maior facilidade, sintetizaríamos esta comunicação em três dimensões:

a. A comunicação no seio da própria comunidade, ou seja, a comunicação entre os membros da própria comunidade.

b. A comunicação com a grande família dos homens, ou seja, com aqueles sobre os quais exercemos nossos apostolados.

c. A comunicação com Deus.

Estas três dimensões de relacionamento oferecem três conotações da comunidade:

- ◆ Comunidade de caridade.
- ◆ Comunidade de trabalho.
- ◆ Comunidade de oração.

Cada um destes aspectos torna-se fonte de reflexão, onde podemos aclarar nossos conceitos, alimentar nossas revisões comunitárias e nossas tomadas de posição se podem firmar, levando, assim, a uma contínua revitalização nossa comunidade, não raro, emperrada porque estamos à procura de grandes causas ou de grandes razões, quando estas razões ou causas são pequeninas, mas fundamentais e vitais, como o cabelo do relógio em relação ao mecanismo.

É por estas três direções que gostaríamos de orientar nossa reflexão, não à cata de coisas novas, mas de coisas que nos **renovem**, trazendo, com nitidez, de volta à nossa mente, as razões que, um dia — talvez distante, talvez não — foram suficientemente fortes para que tivéssemos a coragem de fundir nossa sorte com um grupo de homens ou de mulheres, que nos apareceram suficientemente sérios e seus ideais suficientemente sólidos, para que iniciássemos com eles esta caminhada. Se um dia tivemos esta força, por que ela nos faltaria agora? Se para um determinado trecho da caminhada encontramos ali energias e sentido, por que teriam diminuído, neste preciso trecho da vida? Porque, se cansado fizeres uma parada para prescrutar as causas do cansaço, surgirá, de repente, no horizonte de tua angústia, aquela luz que, em-

bora muitas vezes já observada, nunca tivera forças para cativar-te.

Mas agora, depois de tanto brilhar, acabou por absorver a tua atenção. Neste instante, terás penetrado no mistério desta luz e terás recuperado tua alma. Por isso, o que se segue terá, talvez, o sabor da monotonia. Do já ouvido. De um disco impertinente. Mesmo assim, arrisca aceitar esta monotonia como um desafio, que no fundo dela, talvez, descansa uma resposta importante, guardada para os teimosos. A teimosia pode ser uma forma de coragem.

## 2.1. Comunidade de caridade

A comunidade, em cujo seio existe a comunicação, a compreensão, ou melhor a autocompreensão comum, que guarda em si a capacidade de nos conduzir ao âmago da realidade comunitária, superando as configurações externo-materiais, esta é a comunidade de caridade. Para detectá-la faremos uma viagem reflexiva, detendo-nos em vários mirantes, onde se desdobram paisagens, cuja riqueza nunca se esgota na primeira contemplação. É o voltar sempre de novo que nos revela os pormenores. Vamos de mirante em mirante:

◆ Por que tanto esforço em mudar o outro, ou em transformá-lo em papel carbono de minha forma de agir? Não será melhor aceitá-lo assim como é, nas suas riquezas e nas suas limitações? Claro que já ouvimos isso. Claro que já o dissemos a outros. Mas claro também que nem sempre o praticamos, porque reproduzir esta atitude em ges-

tos concretos reclama uma fundamentação que não pode ser apenas intelectual.

◆ Integração: a vocação — como dissemos acima — nos faz mudar de família. Introduz-nos em uma nova família. Nela deveríamos nos sentir como em nossa própria casa. Quem casa quer casa, diz o provérbio popular. Sabemos quão importante foi e é para o homem ter sua casa própria. Somente casa própria é lar na extensão plena do termo. E somente o lar desperta o amor e interesse por tudo quanto diz a ele respeito. Só assim nos integramos na comunidade, formamos um todo com ela e deixamos de ter a sensação de ser “hóspedes”.

◆ A interajuda sempre presente como o mais valioso auxiliar para carregar as próprias fraquezas, tão presentes em cada um de nós e tão sentidas por nós mesmos, mas sem ajuda do outro nós as sentimos mais ainda, sentimo-nos mais miseráveis e mais limitados. Sem uma interajuda autêntica corremos o risco de ser lente de aumento às limitações do outro. O cisco no olho do outro assume a proporção de um tronco de árvore.

◆ Esta interajuda leva à prontidão em substituir, em fazer as vezes, em facilitar a vida do outro e a realização de programas, ou a responder a apelos de imergência. A triste e desoladora solidão de não poder contar com aqueles que levam conosco vida em comum. A dolorosa decepção de fazer passar ante os olhos a lista dos que conosco habitam e terminar constatando que a ninguém se poderá pe-

dir alguma coisa! O religioso que entende a vida comunitária abre-se à disponibilidade. Anima o outro a pedir favores. Não faz da disponibilidade (termo tão usado) uma abstração intelectual ou um rótulo piedoso, mas uma forma concreta de vida. Não reduz sua disponibilidade da porta do convento para fora, mas deixa-a derramar-se, antes, em sua própria casa, pois sabe que também ali há necessitados.

◆ E vem a cordialidade mútua que já superou a frieza das convenções sociais ou os maneirismos jeitosos de uma polidez meramente formalística, para atingir o âmago da caridade e transparecer nas palavras, no diálogo, nos gestos, nas mesas redondas, nos encontros, nas intervenções, nas análises de fatos e particularmente de pessoas, no reconhecimento sincero de uma realização vitoriosa, na capacidade de ajudar a descobrir valores em pleno fracasso. Este ambiente livra o religioso da "curtição" solitária de seus sucessos e insucessos, que todo homem normal tem necessidade de partilhar.

◆ A discrição caridosa não deixa sair das paredes de nossas comunidades os problemas muito nossos, porque roupa suja... E isso não para falsear nossa vivência frente à comunidade eclesial que nos cerca, mas na linha da mais pura caridade, porque a "transcrição" de um episódio dificilmente nos deixa permanecer na objetividade e, conseqüentemente, faz-nos correr o risco de aumentar as proporções, as responsabilidades, enfeitar os acontecimentos, florear a linguagem, "embora não queiramos falar de nin-

guém"... E lá estamos nós na de "quem conta um conto aumenta um ponto".

◆ E as boas maneiras como a floração plena da caridade. Boas maneiras não são mais que respeito. Respeito pelos direitos do outro. E a caridade o que é? A falta de respeito pela propriedade do outro gera o latrocínio. A falta de respeito pela vida do outro produz o homicídio. A falta de respeito pela lei origina o marginal. A falta de respeito pelos direitos do outro enche o comércio de produtos falsificados, de remédios inoperantes, de alimentos deteriorados, de pesos e medidas adulterados. A falta de respeito pelo trabalho do outro cria a injustiça salarial. A falta de respeito pela delicadeza de sentimentos do outro desencadeia os palavrões, os trajes ousados, as grosseiras nos gestos e atitudes.

Boas maneiras são a exteriorização da convicção de que há valores dignos de estima, de que há padrões de vida que devem ser preservados, sem tradicionalismos saudosistas ou condicionamentos rotineiros, de que há convenções que fazem parte do patrimônio humano. As boas maneiras me tornam sociável, isto é, capaz de viver em sociedade: na grande sociedade dos homens, na pequena sociedade de minha comunidade. Sou convidado sempre a respeitar os direitos do outro: o silêncio do outro, o sono do outro, o estudo e o trabalho do outro, a oração e a meditação do outro, que não está disposto a ouvir a música que minha falta de respeito lhe impõe num momento que para ele não é de música, nem pode sentir-se fe-

liz com os passos pesados com que marco minha presença pelos corredores, como se eu fosse o único habitante daquela mansão.

◆ Apesar de todos os esforços, surpreendemo-nos como S. Paulo, fazendo o mal que nos queremos. E, nesta hora, sentimos como somos necessitados de perdão dos outros. Os outros serão diferentes? Não terão estas mesmas fraquezas e, conseqüentemente, esta mesma necessidade, uma das formas renovadoras e rejuvenecedoras é a capacidade de perdoar. Não um perdão formal ou polido como o que damos a quem nos pisou o calcanhar no meio da multidão, mas um perdão sincero e profundo todo feito de compreensão. Por isso, nem sempre é ele espontâneo. Deve, por vezes, ser gerado no sofrimento, como alguém que arranca, um a um, os cacos de vidro que lhe penetraram a sensibilidade. Para que a operação seja bem sucedida não pode faltar a reflexão que corrige a imagem destorcida daquele que me ofendeu, e a oração que busca na fé um sentido, para que o sol não se ponha sobre a minha ira, deixando — ainda que por breve tempo — as trevas se aninharem em mim.

◆ A presença nos exercícios comunitários e a pontualidade aparecem como fatores de crescimento comunitário, pois dentro de nós sempre ficam uns fiapos de criança a argumentar: “porque o outro não vai ou não faz, também não vou ou não faço...” Pela ausência do outro queremos justificar a nossa. Assim como o outro tentará justificar suas ausências apelando para as minhas. E todos sabemos de so-

bejo que a vida comunitária se alimenta de encontros: no trabalho, na mesa, nos recreios e sobretudo na oração. Nossa presença é um reconhecimento dos valores destes encontros e é, ao mesmo tempo, a nossa contribuição para preservar estes valores e tirar deles o máximo de seu potencial comunitário. Assim sendo, não é indiferente nossa presença, que se pode tornar desencadeadora de crescimento comunitário.

## 2.2. Comunidade de trabalho

Por trabalho entendemos as obras a que se dedicam os institutos religiosos, “que possuem dons diversos, segundo a graça que lhes foi outorgada: seja serviço quando servem, seja doutrina quando ensinam, seja exortação quando exortam, seja sem cálculo quando colaboram, seja irradiando alegria quando se compadecem” (3). No horizonte de todos os Institutos brilha o convite do Senhor: pôr-se a serviço. Compreendido este desafio, de nada mais precisaríamos, pois decorrem daí todas as atitudes que nos são reclamadas para marcarmos uma presença atuante no mundo, e todas as respostas para que nos sintamos realizados e encontremos sentido naquilo que fazemos.

O serviço dentro dos moldes evangélicos é a mais violenta oposição aos sistemas de compensação que regem as sociedades hodiernas, dentro das quais estamos implantados e de cujos influxos nem sempre é fácil esquivar-se. Embora a função do homem evangélico seja o serviço, mesmo assim deve, sempre de

novo, na reflexão e na prece; repensar esta verdade, pois se ela pode ser fonte de profundas alegrias, pode igualmente vir matizada de dolorosas experiências, que somente a visão da fé nos possibilita transpor sem abalos de conseqüências mais graves. Para que possamos meditar este serviço, vejamos alguns momentos frente aos quais somos colocados, vezes sem conta, no nosso dia-a-dia.

● Antes de tudo, fazer as pazes com nosso público. Esse público que deve ser nossa constante preocupação, não só quando estamos à distância preparando nossos encontros, mas sobretudo na hora em que o temos frente a frente com seus problemas — ora claros ou obscuros, ora claramente verbalizados ou mal balbuciados —, quando pedem nossa intervenção ativa e para eles decisiva. É a hora de sentir aquela compaixão que invadia o Mestre, pois parecia-lhe descortinar um rebanho abandonado por seus pastores, tateando na incerteza, à busca da palavra de luz.

● Daí nasce a caridade em receber. Caridade que não faz distinções nem acepções. Cada ser que me aparece pela frente é alguém que Deus colocou no meu caminho e sob a minha responsabilidade e que me pede, não diplomacia, mas sinceridade. É ali que mostramos que nos fizemos religiosos por um grande amor a Deus e por uma grande paixão aos homens. “Revesti-vos das entranhas da misericórdia de Cristo”, recomenda S. Paulo. Assim nosso olhar ao pousar sobre o nosso público — numeroso ou de

uma só pessoa — desperta dentro de nós as sonoridades que quebram os barulhos desarmoniosos que povoam nosso mundo de hoje, feito de angústias, desajustes, medos mútuos, explorações chocantes. Nossas antenas se aguçam e registram as necessidades dos outros. Tornamo-nos industriais e criativos. Buscamos uma solução. Mesmo que não seja definitiva, será sempre para o outro uma gota de vida, porque encontrou alguém que se interessou por seus problemas e alguém interessado é já uma solução à vista.

● Frente a este meu público devo tomar-me de respeito, indo ao encontro de seus anseios e não o transformando em vítima de minhas experiências, nem sempre inspiradas. Não o fazer cobaia de nossas criatividade, porque o povo pode não **conhecer** as coisas da fé; mas **reconhecê-las**, isso, ele pode e o sabe, melhor, talvez do que nós que lhas ensinamos. Isso é algo misterioso, mas verdadeiro, que se verifica não só no nível da fé, como também no nível da vida. O povo tem uma espécie de sexto sentido, pelo qual **reconhece** se as coisas que recebe dos outros são suas ou não. A sua intuição de fé faz com que ele aceite ou recuse certas doutrinas ou novidades que se propagam; faz com que aceite aquilo em que **reconhece** uma verbalização ou até uma correção da fé que possui (4).

Como é importante encher-se de respeito por este público que deposita em nós tanta confiança e que está obrigado, vezes tantas, a apelar para a própria reserva da fé, porque nesse desrespeito, nascido da

superficialidade e da falsa convicção do próprio saber, pisou em seus canteiros onde Deus plantara as manifestações da verdadeira fé, porque a alma de nosso público é pequenina como o pede o Evangelho.

● A comunidade de trabalho assume atitude de respeito frente a todas as formas de trabalho. Sabe que o trabalho intelectual se alinha com as manifestações do verdadeiro trabalho. Donde, o estudo é respeitado nos outros, é procurado individualmente. É incentivado e visto, não como veículo de afirmação pessoal, mas como elemento aperfeiçoador daquele que se sente chamado a servir. Porque quanto mais esclarecido o serviço, mais eficiente. E a eficiência não deve ser atribuída apenas a Deus e a seus dons, mas também ao aperfeiçoamento humano dos potenciais colocados em cada ser. Quando Deus nos chama, chama-nos na imaturidade de nosso ser, para que, no correr de nossa vida nos aproximemos sempre mais da idade adulta do Cristo que crescia em idade, sabedoria e graça. Assim, o homem se coloca a serviço na sua totalidade.

● O trabalho, sob todas as suas formas, surgirá como uma graça, como dizia S. Francisco de Assis. A própria possibilidade de trabalhar, isto é, de ir aos outros, é uma graça. Com isso desaparecem as distinções e as categorizações dos trabalhos: humildes, nobres, simples. Sobretudo desaparecem os condicionamentos entre a suposta dignidade pessoal e a insignificância do trabalho oferecido, pois Cristo equacionou sua divindade com a tarefa

de carpinteiro. Se o trabalho é graça, qualquer forma de trabalho é manifestação desta graça.

● O trabalho no Reino é o bom emprego do tempo, outro dom de Deus. Cada momento é uma chance oferecida, que não se repetirá. Cada chance aproveitada é uma resposta. É uma prova de que somos úteis. No saber-se útil, a existência toma sentido. “Quando tomamos consciência da nossa função a desempenhar, mesmo a mais apagada, poderemos viver e morrer em paz, porque o que dá um sentido à vida, dá um sentido à morte” (5).

● Mas este trabalho reclama uma tomada de fôlego na aceitação do outro, porque a velha verdade “*virtus in medio*” se poderia traduzir: é preciso ter medida no dom de si. Porque podemos ser tomados pela avidez da ação que nos leva ao esgotamento e anulação de nossa ação, quando não à destruição de nós mesmos. Péguy aconselhava: “vivei, vivei como um homem que está num barco no rio e não rema durante o tempo todo, mas algumas vezes deixa-se levar pela corrente...”

O trabalho, sob todas as suas formas, reclama pausa, descanso, afastamento para ser visto à distância, como o jogador que senta na arquibancada, estudando o campo que verde se estende no fundo do estádio. Embora distante do gramado, não perde ele o contacto com o mesmo. Na sua solidão recria posições, corrige falhas, descobre novas táticas, cura a rotina da presença constante das mesmas pessoas.

Numa palavra, renova-se e assim garante a eficácia de suas próximas intervenções. A energia destorcida pela repetição dos apelos retrai-se às fontes e, purificada, jorra para a luta que apesar de quotidiana não se tornou um hábito.

### 2.3. Comunidade de oração

Um dos aspectos delicados e sérios não só de nossa vida comunitária, mas de toda a vida religiosa e da vida da própria Igreja. A oração, de um lado procurada, do outro questionada, torna-se um desafio constante ao religioso de hoje. É este desafio que aglutinou forças de grupos que descobriram o sentido da oração comunitária, mas levou, igualmente, alguns grupos ao arrefecimento, quando não ao abandono da oração. Sem dúvida, é reflexo de uma crise mais profunda em que mergulhou o mundo. Mas reconhecemos que um papel importante desempenha também a "propaganda": de tanto ouvir questionamentos sérios ou **slogans**, de tanto ouvir críticas e ver formas desaparecerem, nossa frágil contextura interior cede, e escudados por um **slogan** tentamos justificar uma tomada de posição que exclui a oração comunitária, embora no fundo de nós mesmos não estejamos tão absolutamente convencidos.

Por isso a necessidade de concentrar esforços no sentido de criar ou recriar o espírito da oração comunitária. Não de um grupo de pessoas que rezam individualmente, mas de um grupo que reza comunitariamente. Elaborar um programa neste contexto é relativamente fácil. O difícil é fazê-lo funcionar,

porque só funciona quando constitui uma resposta a todos os integrantes do grupo. Mas para adequar a resposta não podemos fazer exigências apenas ao esquema, reclamar que ele esteja adaptado a cada um, se dobre a todas nossas fantasias. O orante também deve ser exigido. A ele, a quem Deus deu inteligência, cabe ir além do esquema e da palavra, para buscar a raiz onde se alimenta a verdadeira oração.

Nenhum esquema é desencadeador automático. Da harmonização com o orante nasce a oração, não como um exercício oral, mas como a satisfação de uma necessidade. Necessidade de extravasar um mistério que se elabora em seu interior, porque "em todas as concretizações e especificações e formas da oração por parte do homem bíblico ele está diversificadamente reagindo diante da diversificada manifestação divina que se lhe impõe. Nisto, em ser resposta do homem à linguagem divina, está, em sua mais profunda força de surgência, o radical da oração" (6).

● Por isto a oração não é uma presença ocasional na nossa vida, uma prescrição formalística. Mas uma fusão com o próprio ritmo da vida. É uma comunidade prostrada diante de Deus dizendo-lhe a vida, com palavras suas ou emprestadas, decoradas ou nascidas no momento, em silêncios ou cânticos, em palavras musicadas ou em músicas sem palavras, no embevecimento e na contemplação.

● O importante é que a comunidade tenha o seu momento. Não

um momento esperado (porque dificilmente chegaria), mas um momento provocado, marcado mesmo, porque a criança que mora dentro de cada um de nós precisa ser motivada. Um momento, uma hora, em que o homem coloque suas energias em atividade para poder provocar em si uma reação à linguagem divina. Embora todos os momentos da vida possam ser oração, deve haver o momento de oração, ou como diz Voigt, "uma comunidade-oração há de rezar não apenas respirando, convivendo, plantando e guerreando, mas forçosamente há de também rezar rezando; ela a comunidade como tal, há de ter também os seus grandes e pequenos momentos em que coesa e conscientemente se coloque no signo da expressão desta sua identidade orante, esta sua qualidade de concretizada reação frente à experiência da manifestação de Deus" (7). Notar a expressão: colocar-se no signo de sua identidade orante, pois ali está oculto algo que não conseguimos dizer, mas que pressentimos, donde se deve buscar a consistência para todas as identidades, procuradas, muitas vezes, nas cisternas vazias de modalidades de vida estéreis e decepcionantes.

● Este momento de oração tem o seu local, o ambiente circundante que ajuda a criar atmosfera de encontro e de resposta. Deus é encontrável em toda a parte. Dá audiência em qualquer parte deste imenso universo, obra de suas mãos. Mas as limitações não estão em Deus, estão em nós. Não é a proposta de Deus que precisa de elementos circundantes, mas a nossa resposta.

Negar isso é negar realidades diariamente experimentadas. Por que os elementos materiais que compõem a vida familiar sofrem mudanças tão radicais e estão tão condicionados pela evolução? Por que encontra esta evolução resposta senão pelo fato de haver uma necessidade de melhorar, modificar, alterar o envolvente, onde o homem faz a experiência da vida? Não sucede o mesmo ao homem que tenta fazer a experiência de Deus? Aí o significado de uma capela, onde a comunidade provoca os grandes e pequenos momentos de sua busca de identidade. Onde, de modo especial, Deus escolhe um local para morar com os homens e ali abrir o coração aos seus gemidos e queixas, aos seus suspiros e gritos de alegria, refúgio para as horas em que a palavra humana nada mais tem a dizer.

Quando as águas das misérias humanas ameaçam tragar o homem, ali está a arca onde enclausurar-se. Não para fugir a estas misérias, tanguido pelo medo, mas para munir-se daquela força que nos faz voltar sempre de novo ao campo da ceifa, não obstante as espadas e os gigantes que formam cerco fechado. Para curar aquelas feridas que não podem ser expostas aos olhos dos estranhos, porque nossas, profundamente nossas. Para aguardar a resposta daquelas crises que só o coração de Deus conhece e só ele pode compreender. O que nos poderiam contar os bancos ou as cadeiras de nossas capelas! A lâmpada tremulante e a penumbra de nossos templos! Os silêncios — dolorosos e fecundos — em que da alma não sai palavra e em Deus apenas há

silêncio! É a fecunda riqueza do local da oração.

● Um texto é oferecido para coordenar a oração. E também para guiar a oração. Também para fecundar nossa oração. Muitas vezes tomado como pretexto para não rezar comunitariamente, o texto é a paisagem densa e rica oferecida ao orante para que possa desencadear um diálogo em comum, onde o elemento estético também colabora para o diálogo que absorve o homem na sua totalidade. Os textos não têm nada a dizer, ou nossos ouvidos se recusam a ouvir?

A Palavra traz em si a eternidade de quem a pronunciou. Não tem idade. Não tem época. É metatemporal. Ela é a porta que deverá ser transposta. Não é na palavra que nos detemos. Vamos além. No coração da palavra dorme a mensagem. Sou convidado, desafiado, sempre de novo, à viagem maravilhosa no centro da palavra que guarda a exata mensagem de que preciso no momento. Preciso conviver com ela. Então a palavra se torna correspondência, se torna oração. É Deus a se fazer continuamente Verbo. Deus empresta ao homem sua Palavra para recebê-la de volta revestida de nossas angústias, das nossas necessidades, das nossas saudades, do nosso exílio, de nossas esperanças sobretudo, porque ao dizermos palavras, dizemos confiança, afirmamos Deus, damos sentido à caminhada. A palavra tem a misteriosa capacidade de nos trazer a mensagem de Deus e de devolver a Deus a nossa resposta. Tem a capacidade de levar a Deus nossas interroga-

ções, e de nos trazer de volta sua resposta. Por isso, os textos que rezamos são nossa linguagem.

● A oração comunitária é a afirmação de que acreditamos que nosso apostolado não se esgota nestas mil formas que a tradição nos legou ou nas mil formas que os tempos novos nos obrigaram a criar. Nosso apostolado não se esgota nesse rodopiar diário, onde todo nosso ser se deixa envolver, na ânsia de ajudar e guiar, de conduzir e salvar. Nosso apostolado vai além. Num recanto afastado, junto com o grupo de irmãos, empenhados na mesma tarefa, nossa prece é o início e a conclusão deste apostolado. Nossa presença não se resume na presença física. Há uma fecunda presença na ausência, quando com meu grupo busco para mim mesmo a força da oração. Talvez seja o único recanto que Deus reservou para nos ordenar o que dizer a seu povo. É ali que as coisas se revestem de sentido, mesmo aquelas que nossa visão, calcada nos modelos humanos, rotula como fracasso.

Crer na oração é crer no apostolado. Crer na oração é crer numa presença construtiva no meio do mundo, não apenas pessoal, mas comunitária. É sentir-se profundamente inserido no mistério salvador, que reclama momentos cruentos e momentos incruentos de comunhão com o Senhor que rezou e ensinou a rezar. Crer na oração é crer que esta aparente inatividade é a grande força revolucionária da história. Crer na oração é crer na misteriosa linguagem que me une a todas as almas. É crer que no meu cresci-

mento levo os outros a crescerem. Que na minha elevação — como dizia Lesseur — elevo comigo o mundo. Crer na oração é ser lógico e conseqüente: não apenas pregar Cristo aos homens, não apenas cercá-lo de cuidados materiais nas nossas igrejas, mas também pôr-me junto a ele, como grupo que reza. Reza porque acredita. Porque acredita reza.

### 3. Concluindo

Bem diz o *Perfectae Caritatis* (nº 15): “Da comunidade emana uma grande força apostólica”. Por isso, quando o apostolado, como acontece em nossos dias, está tão presente à consciência do religioso, é hora de lançar mão de todas as forças e energias que o ativam. Mas nos parece inútil todas as tentativas que esquecem a comunidade. Já escrevemos uma vez: “É preciso parar no nosso afã de fundar grupos ou comunidades de base, para sermos nós mesmos, antes, homens de grupo e de comunidade; precisamos silenciar um pouco, ou ao menos, atenuar, nossa propaganda sobre o valor dos grupos, para nós mesmos acreditarmos numa mística do grupo, dentro do qual fomos inseridos” (8).

Em verdade, é questão de pura lógica. Nossa tarefa é unir os homens não apenas em torno de uma idéia central, mas uni-los entre si. Nossa tarefa não é apenas dar-lhes subsídios para que se suportem, mas dar-lhes aquela base que os faça irmãos. Numa palavra somos chamados a constituir a comunidade dos homens (9). Como poderemos

nos lançar a tal tarefa, se nossa experiência básica neste setor é falha? E sobretudo se ela é falha, não por deficiências humanas, mas por descuido de nossa parte? Como ativar a grande comunidade que nos foi confiada, se não somos ativos dentro da comunidade a que fomos confiados?

Para nós o apostolado é o momento profético quando realizamos a finalidade do envio. Somos enviados para pregar, para falar, para anunciar. Para dizer sobre os tetos aquilo que Deus nos revelou no silêncio. E este revelar é o momento epifânico. Somos enviados, não como isolados, mas dois a dois, como nos primórdios da pregação o fez o Senhor, isto é, comunitariamente. Então, o momento epifânico é comunitário. É a comunidade que busca, como comunidade, decifrar a vontade de Deus, para o momento histórico carregado com mil poluições que ensombream os caminhos, por onde passam os pés evangelizadores. Assim, a comunidade se torna a fonte onde alimentamos o nosso apostolado. Testamos nossa capacidade de grupo, voltamos para curar as decepções e retemperamos as energias, para cada manhã retomar o arado e cavar fundo na vinha do Pai. Por isso, quando a comunidade se coloca em diálogo está alimentando o seu momento profético. Quando se reúne em oração está arrancando de Deus a manifestação de sua vontade, para saber o mais claro possível o que deseja ele desta comunidade aberta a ele e aos homens e ao mundo.

As três dimensões que apontamos acima — comunidade de trabalho e

de oração — são dimensões que nos ajudam a descobrir o amor de Deus presente no meio de nós. E esta é a grande descoberta. O grande necessário. Porque quem descobriu o amor e acreditou no amor, empenhar-se-á para testemunhar este amor. O melhor testemunho é oferecer aos homens este amor. Mas como oferecê-lo se não lançou raízes profundas em nós, tão profundas que resistem a todas as falsificações e adulterações? A comunidade deve ser o húmus fértil onde lançamos estas raízes, numa experiência real e cotidiana, onde o Espírito fala através daqueles que conosco tentam a mesma aventura, ilumi-

nados pela mesma esperança. A harmonia entre terra e homem não deve ser jogada apenas à responsabilidade da terra. Deve ser assumida também pelo homem.

Quem foi chamado para esta experiência foi colocado frente a um grande desafio, pois ante ele abre-se um campo imenso de possibilidades pessoais, que educadas, desembocam na grande corrente humana, onde os homens se debatem à busca de pistas e sinaleiros que os orientem a chegar aquele ponto, onde toda história pessoal e coletiva recebe o sinete da aprovação, ou seja, a confirmação de que valeu a pena viver e ajudar a viver.

## NOTAS

1. *Perfectae Caritatis*, n.º 15.
2. VOIGT, Simão, **Comunidade na Sagrada Escritura**, Coleção CRB, volume n.º 14, Rio de Janeiro, 1974, página 19.
3. *Perfectae Caritatis*, n.º 8.
4. MESTERS, Carlos, **Por trás das Palavras**, Vozes, página 35.

5. ANDRÉ, M. J., **Recusa e Aceitação do Outro**, Edições Paulinas, página 98.
6. VOIGT, Simão, *ibidem*, página 35.
7. *Idem*, *ibidem*, página 36.
8. **Convergência**, março 1973, n.º 35, página 76.
9. *Vida Segundo o Espírito nas Comunidades Religiosas da América Latina*, Documento da CLAR, número 221.

Trazemos para nossos leitores quatro intervenções de Superiores Gerais, pronunciadas durante o Sínodo dos Bispos, em outubro de 1974, sobre o tema Vida Religiosa e Evangelização. Nos próximos números traremos novos depoimentos de Superiores Gerais.

# **SUPERIORES GERAIS E O SÍNODO DE ROMA**

## **A ESCOLA CATÓLICA COMO AMBIENTE DE EVANGELIZAÇÃO**

**Irmão Charles Henry Buttimer, FSC**  
Superior Geral dos Lassalistas

Numa verdadeira sociedade pluralista, cada família espiritual tem o dever particular e inalienável de fornecer a sua própria e melhor contribuição. Dada a sua natureza, a escola católica deve assumir a sua responsabilidade que é introduzir e desenvolver, por meio da educação integral, a dimensão espiritual na sociedade pluralista. No mundo pedagógico deve espalhar fielmente e com cuidado o "sal da terra", com a sua missão evangelizadora.

Consideramos a evangelização como o conjunto das atividades por meio das quais a Igreja anuncia o

Evangelho a fim de que a mensagem de fé em Jesus Cristo crie raízes, se desenvolva e cresça.

### **A. Transmissão por meio do trabalho pedagógico**

Podemos e devemos estabelecer um diálogo ininterrupto com todas as outras instâncias pedagógicas. Com todos os outros sentimo-nos responsáveis pelo desenvolvimento dos valores culturais que devem ser integrados numa educação moderna: a literatura, as ciências, a arte, a técnica, as relações sociais, etc. Nos-

sa atenção se concentra sobre o acabamento total dos jovens, sobre a sua preparação profissional, sobre a sua formação duradoura, sobre os seus divertimentos, sobre os seus meios para enfrentar as dificuldades cotidianas. É partindo da nossa existência de crentes que cuidamos destes diferentes aspectos de uma educação integral. Todo este mundo em evolução que nos envolve, constitui a realidade na qual devemos viver a nossa vida de cristão. Esta não pode ser construída ao lado ou em cima, como se fosse necessário ainda assumir todo o resto a mais, mas é na existência concreta que devemos verificar o Evangelho como mensagem de salvação dirigido ao homem e ao mundo.

O Espírito convida constantemente todos aqueles que participam de seu amor. A resposta construtiva a este apelo constitui a nossa contribuição à realização de um Reino de paz, de amor e de justiça. Cabe aos educadores cristãos fazer os jovens compreenderem que o compromisso em favor dos outros e a preocupação desinteressada por um mundo melhor são valores evangélicos, mesmo quando não se invoca ou não se conhece explicitamente Deus. Onde quer que se faça, no mundo, um trabalho fecundo a serviço dos outros, uma parte do Evangelho se realiza, a fim de que seja desenvolvida a criação de Deus. A escola católica deve incarnar este conceito no seu ensinamento e na sua vida comunitária. Não existe uma tecnologia cristã, nem das ciências cristãs, mas existe um ensino cristão da tecnologia e das ciências, assim como existe uma visão cristã do mundo.

## **B. Transmissão por meio das atitudes morais**

Não podemos considerar como apanágio exclusivo de uma escola católica aqueles valores éticos que são atualmente transmitidos e cultivados por meio da educação. Tornaram-se, de fato, "valores comunitários". Constituem os bens comuns do Ocidente. A escola católica pretende cultivar estes valores que gosta de reconhecer como patrimônio comum do Ocidente. Mas ela o faz partindo de uma antropologia cristã de inspiração evangélica. Ela o faz partindo de uma antropologia que compreende mais do que um conjunto de dados derivados das ciências humanas tão em voga hoje. E isto nos permite superar as **tendências** gerais dos valores, seja pelo seu aprofundamento, seja por sua origem.

### **Aprofundamento**

A fidelidade ao Evangelho cria no homem uma mentalidade específica, que busca a sua inspiração no encontro com o Deus vivo. As linhas de força evangélica levam a um aprofundamento e a um aperfeiçoamento das qualidades humanas. Eis alguns exemplos:

**O respeito absoluto ao homem.** Hoje, esse respeito é universalmente reconhecido, pelo menos, oficialmente. A esse respeito o Evangelho mostra-se radical e não cessa de recordar o fato essencial de que todos os homens são filhos de um mesmo Pai, que faz brilhar o sol sobre os bons e sobre os maus, sobre as raças e as culturas, sobre os jovens

e os adultos, sobre os vivos e sobre aqueles que não viram surgir o dia.

**O valor relativo das coisas terrestres.** O homem moderno admite plenamente, por exemplo, que ninguém seja escravo da economia. Esta deve estar a serviço do homem. Nas Bem-aventuranças as coisas terrestres são relativizadas e subordinadas ao desenvolvimento do homem de acordo com as orientações da Boa Nova. As riquezas, o poder, a prosperidade não são valores absolutos, e o homem deverá estar disposto a sacrificá-los se o bem do próximo o exigir.

**O serviço à comunidade.** O Evangelho pede um compromisso desinteressado em favor da sociedade. Impõe uma humilde disponibilidade. "Quem dentre vós deseja ser o maior, faça-se o servo de todos."

**A preocupação pelos indigentes, os fracos, os subdesenvolvidos.** O Evangelho exige uma predileção por eles. É o traço característico do cristão testemunhar espontaneamente interesse pelos "menores", pelos abandonados. O Reino de Deus chega quando a Mensagem é efetivamente anunciada aos pequenos, aos pobres, anunciada até a aceitação das últimas conseqüências na vida real.

**O sentido de abertura no diálogo.** Também com os inimigos e com os adversários. Nosso amor, segundo as normas evangélicas, deve estender-se a todos. Nossa indulgente disposição a perdoar levar-nos-á a jogar o véu "70 vezes 7" sobre todos os aborrecimentos e brigas do

passado. E se formos atingidos numa das faces, longe de ver aí um pretexto para cortar qualquer contato benévolo, apresentaremos a outra face.

**O amor do próximo.** O Evangelho chama-nos a ajudar, a sustentar, mas sobretudo a promover cada um, para fazê-lo atingir a sua plenitude de homem. Para isso pede, se necessário, o nosso compromisso radical, até o dom total de todos nós e até a pobreza efetiva. Vendei, eventualmente, tudo quanto possuíis, para poder socorrer o vosso irmão, e assim descobrireis um tesouro que ninguém vos tirará.

Essa maneira cristã de estar no mundo é caracterizada pela abertura fundamental para com o próximo, porque destrói o egoísmo radicado e edifica uma ética que nos torna aptos a ser "homens para os outros". Dá aos valores todo o seu significado humano, o que levava Pascal a dizer, inspirado pelo Evangelho: "o homem ultrapassa infinitamente o homem".

## Origem

A orientação ética, como foi apenas descrita, não brota num primeiro impulso do coração humano, como por acaso. Apesar de ter sido exaltada a bondade do homem em cânticos humanísticos, tenhamos sangue frio diante da realidade, porque lemos os jornais, escutamos o rádio, vemos a televisão, escutamos os outros e conhecemos o nosso coração. Portanto, o confronto cotidiano com a imagem realista do homem faz vacilar a nossa fé nele. O homem é bom **na medida em que**

**responde ao convite de um amor.** É bom enquanto integra a benevolência, a vontade de promover e de fazer desenvolver os outros, no conjunto dos seus motivos mais profundos.

A mensagem de Jesus Cristo contém a revelação de Deus enquanto amor criador e salvador. Por meio da fé foi-nos dado gratuitamente participar do amor universal de Deus e fazê-lo atuar efetivamente no sistema das nossas motivações mais profundas. Isso não se realiza com as nossas forças, mas com o Espírito de Jesus que vive em nossos corações. Pela fé, nós deixamos que o Espírito tome em nós iniciativas para a redenção e a salvação do mundo no qual estamos ativamente incorporados como “sal da terra”. Assim podemos participar do dinamismo criador e liberador de Deus. Seu amor universal de Pai torna-se a base de melhores relações entre todos os homens.

A fé na pessoa de Jesus Cristo e a participação ao seu espírito colocam um sólido fundamento para a formação da personalidade. O homem moderno tem uma necessidade urgente de saber quem ele é e como dar sentido à própria vida. A escola católica quer, precisamente oferecer este conceito profundo de vida e esta nova atitude diante da vida. Não se trata, portanto, de um valor suplementar ao lado ou acima dos valores puramente humanos, ao lado ou acima da cultura, da economia, da política, nem ao lado ou acima daquelas atitudes e tendências comunitárias que estão na moda e podem servir a cada um como regra de vida segundo a ética comuni-

tária em voga hoje. Trata-se, para usar os termos do Evangelho, de um novo nascimento para uma nova vida.

### **C. Transmissão explícita da mensagem**

A escola católica deve poder acompanhar os alunos nas suas interrogações sobre o sentido mais profundo dos valores e sobre o sentido do destino humano em toda a sua globalidade. É uma busca do sentido último, do significado e dos valores últimos da existência. Nesse contexto Mons. Honoré, Bispo d'Evreux, falou recentemente sobre “o sentido do sentido”. Chamou a escola católica de “espaço hermenêutico” onde se pode descobrir e explicar a verdade mais profunda a respeito da nossa existência.

A catequese faz parte integrante da pastoral escolástica. Mas é de capital importância compreender bem que a catequese diz respeito, não à nossa mensagem, mas que trata de transmitir a Sua mensagem, a mensagem d'Ele, do Cristo vivo. Algumas observações a esse respeito devem ser feitas.

◆ Um bom número de catequistas e de professores de religião hesitam diante do método a seguir, e mais ainda diante da escolha de conteúdo de seus cursos. Por essa hesitação encontramos diante de aberrações enormes. Não é raro que os alunos maiores protestem fortemente contra a eterna crítica à sociedade moderna, ou contra as intermináveis exposições referentes à sexualidade, dadas sob o inocente tí-

tulo de "aulas de religião". Há certamente jovens que desejam sinceramente conhecer melhor e aprofundar melhor o fenômeno religioso e que se interessam seriamente pela mensagem libertadora de Cristo. Por que o educador seria tímido na comunicação explícita da Boa Nova de Jesus Cristo? O que os jovens esperam de seus educadores é um esclarecimento cristão sobre os problemas mais profundos e sobre a situação real da humanidade, cujo futuro lhes interessa no mais alto nível.

◆ Uma segunda observação diz respeito ao caráter educativo da catequese. Trata-se essencialmente de **educação da Fé**. Entretanto freqüentemente a catequese fica reduzida a um conjunto de considerações provenientes das ciências modernas: psicologia religiosa, sociologia religiosa, antropologia, etc. E o verdadeiro objeto deste ensinamento, isto é, a fé em Jesus Cristo, é facilmente relegada a segundo plano. É muito evidente que a comunicação da mensagem evangélica deve utilizar as contribuições das ciências modernas; as ciências humanas devem ajudar no caminho metodológico e na apresentação exata do conteúdo da mensagem. Mas, também aqui, devemos ser os homens da última hora: finalidade a ser atingida, e não pessoas que vêem apenas os meios, os métodos, as novidades didáticas. Devemos fazer compreender aos alunos que "o conhecimento de Cristo na Fé" está subordinado à adesão no amor. Conhecer Jesus Cristo significa encontrar uma pessoa, ter acesso à sua intimidade, progredir na união de abandono.

Que conseqüências daí derivariam quanto à formação dos catequistas? Diríamos que é mais necessário para eles uma "escola da fé" do que um "Instituto de Ciências Religiosas".

◆ A terceira observação refere-se ao conceito bastante difundido que consiste em reduzir a religião cristã a um humanismo elevado. O cristianismo torna-se, então, sinônimo prático de ajuda ao próximo, gentileza, benevolência para com todos, compromisso no serviço aos outros luta por melhores condições de vida: ideais muito nobres que, por sua natureza, entusiasмам os jovens. E isso, para certos adultos, parece ser a apresentação do Evangelho numa civilização secularizada. Certamente é verdade que Deus é amor, mas o amor não é Deus.

Deve-se temer que nesse humanismo novo estilo faltem verdadeiramente fortes e profundas raízes. O homem tem necessidade de ir até o coração daquele que é mais forte do que ele para encontrar a força para um serviço desinteressado. É com a participação no amor do Pai que o homem reconhece no outro homem um seu irmão. Essa visão lhe dará o respeito absoluto da pessoa humana, o sentido da justiça, o desejo de uma verdadeira paz, a força para um compromisso permanente, apto a melhorar o mundo. A mensagem evangélica tem um significado e um dinamismo cultural em si mesma. Autenticamente vivida, torna-se necessariamente um agente de promoção humana.

É claro que é "pelo movimento do Espírito" que nasceram as nossas obras educativas em favor da

promoção integral dos jovens. A nossa missão específica é precisamente conservar bem vivo esse movimento do Espírito e garantir a dimensão evangélica no ambiente educativo. É a isso que somos chamados a dar-nos de corpo e alma. O povo de Deus precisa destes homens e destas mulheres que querem consagrar toda a sua vida a esse ministério, que se sustentam reciprocamente no desenvolvimento da sua fé, que se põem de acordo e examinam juntos como poderão, como núcleos espirituais, sensibilizar a comunidade educativa para o seu papel de suplência espiritual para os tempos atuais.

Esta tarefa de animação é de tal importância que parece absolutamente necessário chegar a criar, em cada escola católica, uma dupla corrente e, em primeiro lugar, uma tomada de consciência. Cabe, sobretudo, aos poderes de organização dedicar-lhe atenção particular e de dar-lhe uma forma concreta.

Uma segunda forma de animação visa mais à realização e à ação conjunta na comunidade educativa. Neste campo um número de escolas já deram prova de grande criatividade. Muitos desejam que seja dada maior divulgação a tais iniciativas, para estimular novas tentativas. Trata-se, no fundo, de criar uma nova escola católica. A troca de experiências é uma fonte de inspiração e de encorajamento. Constatamos que, geralmente, uma comunidade educativa tem a vantagem de delegar um pequeno grupo dentro dela encarregado de apresentar os esquemas práticos de trabalho e, depois de tê-los aprovado, garantir-lhe a

colaboração de todo o corpo docente. Este núcleo poderia elaborar um projeto educativo de inspiração cristã ao redor do qual, todos unanimemente, se reuniriam. Isto permite criar o clima necessário e tomar as devidas iniciativas, com as quais a escola adquirirá a sua própria face cristã.

Sob o aspecto da evangelização para a escola podemos afirmar que a animação e a reciclagem do corpo docente cristão constitui um problema de capital importância. Todos os responsáveis, sejam locais, regionais ou nacionais, acham-se seriamente questionados. Isso exige a atenção de toda a Igreja local. Por outro lado, muitos diretores e professores desejam ardentemente serem acompanhados na sua missão.

Trata-se de levá-los a uma melhor tomada de consciência da missão de salvação que cabe também às escolas católicas. Trata-se da realização de sua própria vida cultural e espiritual, partindo de um contato regular com a Escritura, do conhecimento de Cristo na sua Igreja, da meditação, da oração, das celebrações sacramentais, tudo sob o selo do próprio compromisso pedagógico. Isso coloca o problema de uma renovada espiritualidade do professor. Trata-se também de um estudo e de uma reflexão mais profunda da educação cristã no nosso tempo, da renovação da escola, da problemática social e política, para daí tirar as conseqüências concretas para um tal ambiente.

Refletindo sobre tudo isso compreende-se com evidência que cada escola autenticamente cristã repre-

senta um eminente serviço de salvação para a humanidade atual. A sociedade pluralista, secularizada, materialista tem dela necessidade. Mesmo se esta sociedade não tem consciência desta necessidade de salvação e não a traduz com um

apelo, devemos realizar este papel de suplência espiritual num mundo que tende muito a afastar-se de Deus e a perder-se num egoísmo sem limites. Não temos o direito de recusar esta contribuição que é a dimensão espiritual da existência humana.

## UNIDADE DA TEORIA E DA PRÁTICA NA EVANGELIZAÇÃO

**Pe. Pedro Arrupe, SJ**  
Superior Geral dos Jesuítas

### **Significado completo da palavra evangelização**

No **Instrumentum Laboris** encontramos facilmente a preocupação de evitar que a evangelização seja identificada com um único aspecto daquela atividade, pela qual os homens são levados à união viva com Cristo. Por isso pergunta-se explicitamente se o Sínodo está de acordo quanto ao uso da palavra "evangelização", se estende este termo a todo o conjunto de atividades com as quais o Povo de Deus suscita e promove a fé viva (nº 26).

Esta preocupação emerge também das Conferências Episcopais, que prestam muita atenção, para que não pareça que o silêncio sobre um determinado aspecto desta realidade complexa signifique querer negar a sua necessidade ou a sua urgência. Em última instância, tal preocupação se fundamenta na experiência pastoral do nosso tempo. Frequentemente vemos como as tentativas tomadas com ótima intenção e com meios apropriados não tiveram su-

cesso por terem tido presente apenas um aspecto da evangelização, excluindo os outros.

Talvez em nenhum outro caso se verifique com tanta evidência a necessidade de manter os opostos unidos na evangelização quanto em relação à natureza teórica e ao mesmo tempo prática da evangelização, isto é, em relação à ortodoxia e à ortopraxis. De fato, nota-se justamente no **Instrumentum Laboris** que de um lado não pode haver evangelização sem que a doutrina seja comunicada aos outros pela pregação. Por outro lado, o testemunho de vida pertence intimamente ao conceito de evangelização, a tal ponto que esta recebe força pelo testemunho (números 27-32; 33-36).

Ao esclarecimento teológico da evangelização cabe mostrar como, teoria e prática estão intimamente ligadas que, ao invés de uma simples justaposição, há uma íntima correlação entre ambas, e que uma não pode existir sem a outra. Embora esta mútua relação possa ser contemplada na ordem das teorias,

prefiro ilustrá-la em relação à situação concreta do mundo de hoje.

### **Sobre certa dificuldade da evangelização no nosso tempo**

Muito sabiamente se mostraram as grandes possibilidades que abrem caminho à pregação evangélica no mundo de hoje. Convém refletir também sobre algumas dificuldades específicas que precisam ter presentes na evangelização.

A pregação dos apóstolos ressoava como uma voz nova no mundo antigo. A nossa pregação anuncia no mundo novo a antiga doutrina. No mundo pagão o Evangelho aparecia como uma novidade nunca antes ouvida e suscitava a esperança de uma nova era. Mas hoje, muitos pensam conhecer suficientemente o Evangelho e, o que é pior, muitos, embora apreciem o Evangelho como uma nobre tentativa de chamar os homens a uma vida mais humana, afirmam que o Evangelho no decorrer dos séculos mostrou a sua ineficácia para a instauração de um mundo melhor. Por isso uma opinião muito difundida inclui o nosso século na idade pós-cristã, e não faltam batizados que procuram fora do cristianismo, um remédio para seus males presentes e um eficaz fermento para um ulterior evolução, individual e social. Esta inquietação manifesta, por um lado, que a aspiração pelos valores transcendentais não terminou entre os homens; por outro lado, coloca um grande obstáculo à evangelização, visto que a mentalidade do nosso tempo apresenta um esquema de evolução que

tende continuamente para um estado melhor, e dificilmente admite que a humanidade procure o progresso voltando às coisas passadas.

Graças à fé, acreditamos certamente que a Palavra de Deus é dirigida, não apenas aos homens do nosso tempo, mas também aos dos séculos futuros, e que por eles possa ser compreendida; se não fosse assim, a Palavra de Deus não teria sido revelada para a salvação de todos os homens. Cabe, portanto, a nós procurar a maneira pela qual poderemos persuadir os homens, de pouca ou nenhuma fé quanto à eficácia atual, ou melhor, futura, da doutrina de Cristo.

### **Função da ortopraxis dos cristãos na evangelização**

O *Instrumentum Laboris* observa justamente que o testemunho de vida, por sua própria natureza, pertence sempre à evangelização, mas na atual situação da Igreja, o modo de viver dos cristãos de acordo com o Evangelho ou, como é chamada, a ortopraxis tem uma importância singular. De fato, o modo cotidiano dos homens se comportarem, e ainda mais das comunidades, mostra que é possível, na realidade de hoje, seguir o Evangelho como norma da própria vida, que um modo de vida conforme ao Evangelho constitui um exemplo atraente e belo. Mostra que essa atitude não apenas favorece o próprio sujeito, mas leva também à prosperidade toda a comunidade. Não poucas vezes a luz de uma vida evangélica que se manifesta em toda sua pureza e enche as almas da alegria do Espírito mesmo

em meio a tribulação (1 Tess 1, 6) oferece uma experiência do influxo do Espírito Santo, que dá força aos homens frágeis para seguirem Cristo, Senhor e Mestre, com todo o coração.

A ortopraxis, na realidade, não apenas mostra à inteligência de que modo o Evangelho pode ser colocado em prática, mas também move eficazmente o espírito, a fim de que o ouvinte daquele que evangeliza se torne imitador, como aquele o é de Cristo (1 Cor 4, 16). Tal influxo se explica seja pela força tirada do testemunho, seja porque uma vida conforme a Cristo é mediadora de graças. Deus costuma servir-se das pessoas intimamente unidas a Ele como instrumentos para dar aos outros com maior abundância os frutos da Redenção. Esta é a razão pela qual, na história das conversões de nosso tempo, nenhum elemento concorre tanto quanto o contato imediato, pessoal e experimental com a pessoa ou com a comunidade que segue o Evangelho.

### **Em que modo a ortodoxia é exigida pela ortopraxis**

Todas essas coisas são bastante evidentes hoje. Reagindo contra a hipertrofia do intelectualismo antes vigente, às vezes, preocupamo-nos unicamente com a ortopraxis, tanto no evangelizador, como nos ouvintes. Contra esta nova redução e simplificação da evangelização deve ser afirmado fortemente que uma verdadeira vida evangélica implica também a profissão da verdadeira fé, e que sem a ortodoxia a ortopraxis é vã. Os peritos e os mestres da vida

espiritual reconhecem frequentemente, especialmente nas circunstâncias atuais, nas quais o mundo com suas ideologias leva todos a um modo de vida alheio ao Evangelho, que ninguém pode levar longa e profundamente uma vida cristã se não for instruído na doutrina da fé proporcionalmente à sua cultura intelectual. A razão não a única. A ortopraxis sem a ortodoxia não tem solidez, e é levada facilmente a se desviar, como acontece com os movimentos carismáticos que não cuidam bastante da doutrina.

Além dessa verdadeira razão há uma outra, deduzida da unidade interna dos dois aspectos da perfeição cristã. Não apenas as ações externas pertencem à ortopraxis cristã, mas também o modo de agir, o motivo interno da ação, que se dá, a sua própria índole e o seu caráter específico. Ninguém duvida, por exemplo, que uma obra de misericórdia, motivada unicamente no culto da própria honestidade, difere daquela que vê no pobre Cristo Senhor e ama o pobre com o amor de Cristo. Na verdade o motivo cristão específico não pode existir sem o conhecimento dos valores revelados através da fé.

Na relação do evangelizador com Cristo encontra-se a última razão da união entre a ortodoxia e a ortopraxis. Aquele que, de fato, evangeliza retamente é aquele no qual opera o autor do Evangelho, ou melhor o Evangelho vivo, Cristo. Cristo, de fato, não está dividido e deve ser recebido na sua simplicidade, ensinando e operando (Atos 1,1), isto é, na doutrina e na ação.

# O PAPEL DAS IGREJAS LOCAIS COMO AGENTES DE EVANGELIZAÇÃO

**Pe. Theo van Asten, PB**  
Superior Geral dos Padres Brancos

Muitas intervenções sobre a primeira parte do **Instrumentum Laboris** sublinharam o papel vital das Igrejas locais no processo da evangelização. Entretanto, quando o **Instrumentum Laboris** (números 25, 38-40) e o relatório do Cardeal WOJTYLA descreveram teologicamente o caráter da evangelização, parece que as Igrejas locais foram esquecidas. Há um sério perigo de se criar um abismo entre a experiência pastoral e a reflexão teológica.

Segundo os termos do Vaticano II, a Igreja existe, vive e é ativa nas suas comunidades locais (LG, 26). Desde as origens da Igreja as comunidades locais recentemente fundadas tomam parte no trabalho da evangelização (LG, 17; Ad Gentes 6 e 20), tanto diante de seu vizinho quanto diante da Igreja toda. Podem ser pequenas e pobres, no entanto, Cristo está presente no meio delas e em virtude do Cristo a Igreja se constitui una, santa, católica e apostólica (LG, 26).

Muitos problemas referentes à evangelização no mundo de hoje devem ser considerados em relação à responsabilidade imediata que cada Igreja local tem de evangelizar o povo que pode atingir, e em relação à corresponsabilidade de todas as Igrejas locais na sua missão universal de evangelização.

De uma missão e evangelização fundamental ocidentais e num único sentido passamos a uma missão e a uma evangelização universais. A distinção feita por Ad Gentes entre missão para os que estão fora da Igreja visível e para os que estão dentro aplica-se a todas as Igrejas e não pode limitar-se a fronteiras geográficas. Há uma "missio ad intra" e uma "missio ad extra". Em todas as Igrejas locais existem situações missionárias mesmo nos países ditos cristãos.

Na situação atual a "missio ad extra" tornou-se uma preocupação universal. Enquanto que cada Igreja local tem a responsabilidade direta de evangelizar as pessoas que pode atingir e que ainda não aceitaram a mensagem do Evangelho, todas as Igrejas locais são **partners** e corresponsáveis no sentido da "communio ecclesiarum". A ajuda entre as Igrejas e a sua recíproca cooperação, sob a direção do sucessor de S. Pedro, tornam cada uma delas capaz de assumir a própria missão evangelizadora. Qualquer ajuda de fora deveria, portanto, basear-se nas necessidades locais conforme constatadas e sentidas pela comunidade cristã; a Igreja local deveria chegar à autonomia e ao desenvolvimento com os recursos locais, respeitando os valores locais.

Qualquer Igreja local tem a sua individualidade, o seu caráter, as suas forças e as suas fraquezas, os seus dons e os seus carismas recebidos para o bem de todos (1 Cor 12,7). Localização não significa isolamento, pluralismo na expressão da fé e da vida fica em relação com a unidade católica. Este era o programa do Vaticano II para as Igrejas particulares (Ad Gentes, capítulo III, números 19-22).

Os Institutos missionários, sendo interracialiais, e freqüentemente internacionais, estão ao serviço deste novo ideal da comunidade, fazendo a ligação e a partilha entre as várias Igrejas locais. Desde a sua origem e durante toda a sua história tiveram sólidos laços com certos países e dioceses do Terceiro Mundo. Hoje sentem que o seu interesse pelos países longínquos não será tomado a sério e perderá seu valor de testemunho se não resultar de um verdadeiro espírito missionário no país de origem, isto é, da consciência de que é preciso derrubar todas as fronteiras nos países e no exterior, visto que o Evangelho deve atingir o coração de todos os homens. Estas fronteiras são as barreiras entre os povos de diversas culturas, raças, classes e religiões.

As rápidas mudanças atuais impõem aos Institutos missionários uma nova abertura a situações missionárias mais difundidas, uma nova mobilidade e disponibilidade às necessidades missionárias como surgem e são indicadas pelos Bispos e pelas Conferências Episcopais. Os melhores meios para prestar um serviço missionário são examinados pelos Bispos e incorporados nos contratos a longo ou a breve prazo, de acordo com as necessidades da Igreja local.

Mudanças do governo ou decisões ou tendências políticas podem, às vezes, modificar a planificação ou inverter a escala de valores escolhida. Nos Atos dos Apóstolos vemos como a Igreja primitiva reagiu diante de tais acontecimentos, como aprendeu a reconhecer a mão de Deus na perseguição, na expulsão ou na adversidade. Através de sua resposta ao desafio dos acontecimentos, a comunidade limitada a Jerusalém tornou-se a Igreja universal. O que parecia um desastre mostrou ser o ponto de partida para um crescimento dinâmico, para uma identidade e uma solidariedade cristã.

## MARIA CONTINUADORA DE EVANGELIZAÇÃO NOS SEUS SANTUÁRIOS

**Pe. Pasquale Rywalky, OFM Cap.**  
Superior Geral dos Capuchinhos

Agradou e continua a agradar a Deus operar maravilhas de evangelização por meio de Sua Mãe, Ma-

ria, "vida, doçura e esperança nossa". Maria foi evangelizadora, proclamadora de Cristo, com pouquís-

simas palavras, que atingem, entretanto, a medula do Evangelho. A sua vida foi evangelização.

Ela, através dos séculos e ainda hoje, continua tal obra evangelizadora nos seus inúmeros santuários, meta do contínuo peregrinar dos homens à Mãe de Deus e à consoladora dos aflitos. São santuários de fama mundial, outros de fama nacional, outros de fama regional ou local.

São maravilhas de evangelização em massa o que se opera nos santuários mundiais de Lourdes e de Fátima. Aqui se realiza aquilo que o Concílio Vaticano II ensina: "Maria, de fato (...), enquanto é pregada e honrada, chama os crentes a seu Filho, a seu sacrifício e ao amor do Pai" (LG, 65).

Quantos milagres de graça se realizam nos santuários marianos, mundiais e nacionais! Para cantar, para rezar, para chorar, para retomar coragem, para amar a Igreja, para comprometer-se com a salvação do próximo, para consagrar-se a Deus, para confessar os próprios pecados, para nutrir-se da Eucaristia, para consagrar o amor conjugal, para aceitar a cruz, para preparar-se a fim de morrer bem, para esperar e implorar o paraíso, tantos homens acorrem — com confiança absoluta — à Virgem. Os mexicanos e muitos da América Latina em Guadalupe; os argentinos em Lujan e Nossa Senhora de Pompéia; os brasileiros em Aparecida; os espanhóis em Saragoça e Montserrat; os italianos em Loreto e Pompéia; os franceses em Lourdes; e também na Salette; os belgas em Beauring; os

suiços em Einsiedeln; os austríacos em Maria Zel; os alemães em Kavalder e em Altötting; os libaneses em Nossa Senhora do Líbano; os outros, em outros santuários.

Mas se queremos ver como se deve amar a Virgem sobre a terra vamos a Czestochova, quando meio milhão ou mais de fiéis, guiados pelo Cardeal Wyszynski e pelo Episcopado da Polônia, juram fidelidade pela vida e pela morte, apesar de uma propaganda insidiosa e de uma perseguição aberta, à Rainha da Polônia e do mundo.

Pena que os cinco inexoráveis minutos não permitem dizer algo sobre os numerosíssimos santuários marianos locais, nos quais a Mãe da Igreja e a Rainha dos Apóstolos, com boca, olhos, mãos, coração, distribui os dons e as mensagens de seu divino Filho.

Quais são os seus dons de evangelização?

Maria, com pouquíssimas palavras, não ensina tanto a falar, mas a calar, a crer, a meditar a obra redentora e salvífica do Filho, a agir: "Fazei tudo o que Ele vos disser" (Jo 2,5). Maria, Santuário do Espírito Santo (LG, 53), vem novamente apresentada por Deus para continuar a dar ao mundo o Espírito Santificador: "Assim que Isabel ouviu a saudação de Maria ficou cheia do Espírito Santo" (Lc 1, 41).

Maria, eco de Jesus, exige, com palavras e atitudes de dor, o ódio ao pecado e a conversão a Deus; anuncia dar a felicidade, não sobre a terra, mas no céu; convida à penitência, à oração e a obras repa-

radoras pela salvação de todos. Maria, ostensório de Cristo, evoca e leva a Ele, no sacramento do perdão e na ceia do altar.

Maria, Mãe de todos, chama à reconciliação, à união em seu Filho. Eis os dons da evangelização mariana.

Já os observamos: são justamente os dons que o Sínodo elencou até este momento. E só pode ser assim porque, por um lado, Maria é o modelo da Igreja, da qual o Sagrado Sínodo é um sinal eminente e, por outro lado, "a Igreja com a pessoa de Maria atinge já a perfeição sem mancha nem ruga" (Ef 5, 27; LG, 63).

É útil desejar que a evangelização que se opera nos Santuários marianos se purifique dos elementos que se assemelham, às vezes, àqueles que Jesus não tolerou que estivessem no templo, a casa de seu Pai (Lc 10,46). "O culto do povo de Deus para com Maria apresenta um caráter absolutamente singular" (LG, 66).

Que o Sagrado Sínodo nas suas declarações finais proclame que a Rainha das Missões, a Rainha dos Apóstolos, a Mãe da Igreja tem um lugar especial, eminente, isto é, o primeiro lugar de exemplaridade e de intercessão na evangelização no mundo de hoje.

---

## CRB — REGIONAL BELÉM, PARÁ

A Regional de Belém, da Conferência dos Religiosos do Brasil, fez em 1974 um levantamento meticoloso sobre os religiosos, as religiosas, a evangelização, a atuação, etc. Eis alguns dados: 1.º) Trinta e três Congregações femininas atuam na Regional. 2.º) 25% das religiosas estão estudando: primeiro, segundo grau, curso superior, equivalentes. 3.º) 45% das religiosas se de-

dicam à educação. 4.º) 3% das religiosas atendem, em horário integral, às prioridades pastorais do Plano de Pastoral da Amazônia. 5.º) São 233 os religiosos que trabalham na Regional. 6.º) 85,5% destes religiosos são estrangeiros. 7.º) A densidade demográfica da Regional é de 1,42% habitantes por quilômetro quadrado. 8.º) 84% das paróquias estão entregues a religiosos.

## Histórico

Desde 1967, os Bispos da América Latina se reúnem com os Bispos norte-americanos e canadenses. Já foram realizadas nove reuniões interamericanas. Como os religiosos são efetivamente os agentes de muitas tarefas pastorais, sentiu-se, na reunião de 1969, em Caracas, a necessidade de reunir também os Superiores Maiores Religiosos. Em maio de 1970, houve uma primeira reunião preparatória, em Washington. Decidiu-se celebrar a I Reunião Interamericana de Superiores Maiores, no México, de 8 a 12 de fevereiro de 1971. Estiveram presentes 82 representantes das quatro conferências americanas: Canadá, Estados Unidos (masculina e feminina) e América Latina: Confederação Latino-Americana de Religiosos (CLAR), com os representantes das respectivas Conferências Episcopais.

Estudou-se a integração dos religiosos do Norte na Igreja Latino-americana. Não é possível transcrever aqui todas as conclusões. Insistem, em geral, na importância do serviço à Igreja Latino-Americana; no respeito aos valores de cada povo; na preparação específica dos missionários do Norte; no conhecimento dos documentos de Medellín e da realidade latino-americana.

Em outubro de 1974, realizou-se a II Reunião Interamericana de Religiosos em Bogotá. Estiveram presentes 21 representantes da LCWR = Leadership Conference of Women Religious; 21 representantes da CMSM = Conference of Major Superiors Men, ambas dos Estados Unidos; 22 representantes da CRC

## SEGUNDA REUNIÃO INTER

= Conferência dos Religiosos do Canadá; 20 representantes da CLAR (América Latina), 3 teólogos convidados da CLAR; 11 representantes da Sagrada Congregação; da Division for Latin America (um Departamento da Conferência Episcopal dos Estados Unidos); da USG = União dos Superiores Gerais, Roma; do CIEC = Confederação Interamericana de Educação Católica e outras conferências européias. Com os membros da coordenação, tradutores e secretários se atingiu o total de 116 pessoas.

A organização esteve a cargo da CLAR e da Conferência dos Religiosos da Colômbia. A hospedagem foi numa casa de retiros e no Colégio Sagrado Coração, no norte da cidade de Bogotá. Boa organização e boa programação. O Brasil foi re-

# AMERICANA DE RELIGIOSOS

presentado por Frei Constâncio Nogara, OFM, Vice-Presidente da CLAR, e pelos Conselheiros da CLAR: Irmã Nilza Junqueira Reis, RA e Irmão Aloísio Kuhn, FMS. Frei Leonardo Boff, OFM, esteve presente como teólogo.

## Objetivos

1.º) Dar oportunidade para uma experiência de intercâmbio, reflexão busca em comum, sobre o desenvolvimento das formas de Vida Religiosa no Canadá, Estados Unidos e América Latina, para ver de que modo esta vida religiosa está respondendo ao mundo contemporâneo.

2.º) Descobrir em comum as experiências que a vida religiosa re-  
Unidos  
respon-

der melhor às necessidades de serviço para o homem de hoje.

O tema central do Encontro foi a situação atual e as perspectivas da Vida Religiosa nos contextos eclesiais, sociais, culturais e políticos dos diversos países participantes.

## Dinâmica

A programação foi dividida em três etapas.

**Primeira:** Apresentação dos temas. Dia 28, Canadá: Dados estatísticos dos religiosos canadenses. Situação sociológica do Canadá. A vida religiosa e a evangelização no Canadá. Dia 29, Estados Unidos: Sentido e compreensão da humanização. O movimento feminista e suas implicações para as mulheres dos Estados Unidos. Estar alerta. A vida religiosa na época presente. Mudanças na oração. Comunidade, pobreza, vida intelectual. Dia 30, CLAR: Realidade Latino-americana. A vida religiosa no contexto latino-americano. Novas perspectivas da vida religiosa na América Latina.

**Segunda.** No dia primeiro de novembro, a reflexão foi feita por Conferências, seguindo-se um plenário para observações e perguntas sobre as exposições de cada Conferência. Eis as perguntas e observações mais constantes em cada delegação:

**CANADÁ:** Descoberta da radicalidade evangélica como única razão da vida religiosa. Fé profunda no futuro da vida religiosa. Busca de uma nova leitura dos tempos.

**L C W R:** Procura de uma autêntica renovação da vida religiosa. Desejo de diálogo com os outros para enriquecimento recíproco. Volta à valorização da pobreza e desejo de compartilhá-la com os pobres para assemelhar-nos mais a Cristo.

**C M S M:** Revalorização dos direitos da mulher. Processo de humanização. Pobreza como busca de soluções práticas para ajudar a América Latina. Voto de pobreza como voto de solidariedade com os pobres.

**C L A R:** Disposição de abertura e respeito com os demais. Preocupação pela pobreza e pela resposta evangélica a dar a quem necessita de nossa ajuda. Constatação das profundas coincidências entre as Conferências, embora, as vezes, com questionamentos diferentes. Fome e sede de comunhão entre os religiosos das Américas.

Dia 2 de novembro: reflexão, em equipes, sobre os três temas centrais: Humanização; Missão Profética da Vida Religiosa; Construção do Reino de Deus.

**Terceira.** Ação. Dia 3 de novembro: Plenário com proposições para ação.

### **Algumas conclusões**

**A.** Relativas as diversas Conferências. **1.<sup>a</sup>)** Convidar representantes das outras Conferências para as Assembléias nacionais de cada Conferência. **2.<sup>a</sup>)** Trocar as experiências, promoções e impressos, fruto deste Encontro. **3.<sup>a</sup>)** Ajudar-se mutuamente no trabalho de humanização. **4.<sup>a</sup>)** Intercâmbio de oração. **5.<sup>a</sup>)**

Ações concretas para apoiar a América Latina no processo de libertação e da CLAR para a humanização das estruturas políticas, econômicas e religiosas, nos Estados Unidos. **6.<sup>a</sup>)** Troca de informações entre as quatro Conferências. **7.<sup>a</sup>)** Colaboração das quatro Conferências para preparar declarações em conjunto. **8.<sup>a</sup>)** Reunião teológica com representantes das quatro Conferências sobre o papel profético da vida religiosa. **9.<sup>a</sup>)** Apoio recíproco em caso de dificuldades.

**B.** Relativas à ação individual de cada Conferência. **1.<sup>a</sup>)** Haja grupo de reflexão em cada país para descobrir a forma de vida religiosa mais fiel ao evangelho. **2.<sup>a</sup>)** Os estudos sejam feitos com contribuição interdisciplinar, não apenas a dimensão teológica. **3.<sup>a</sup>)** Tornar-nos mais conscientes das situações e estruturas desumanizadoras que existem e exercer uma influência profética dentro da Igreja. **4.<sup>a</sup>)** Denunciar estruturas políticas e econômicas que mantêm outras estruturas opressoras.

**C.** Relativas às Congregações Religiosas. **1.<sup>a</sup>)** Incluir experiências do Terceiro Mundo nos programas de formação. **2.<sup>a</sup>)** Promover mais dedicação aos pobres. **3.<sup>a</sup>)** Apoio aos que trabalham com pobres e marginalizados da sociedade. **4.<sup>a</sup>)** Usar os meios de comunicação em favor da humanização segundo os valores evangélicos. **5.<sup>a</sup>)** Encorajar novas formas de vida religiosa.

**D.** Relativas à divulgação da II Interamericana. **1.<sup>a</sup>)** Informar às nossas Conferências e comunidades religiosas. **2.<sup>a</sup>)** Informar às respecti-

vas hierarquias sobre Assembléias e suas implicações para os religiosos na Igreja.

**E. Relativas a outros assuntos.**  
**1.<sup>a</sup>)** Estar atentos a métodos desumanos na laicização e na formação de Pequenas Comunidades. **2.<sup>a</sup>)** Promover semelhantes encontros na Ásia e na Europa.

### **Constatações notáveis**

◆ Importância do papel profético da vida religiosa na Igreja e na sociedade.

◆ Tomada de consciência da interdependência, dos pontos comuns e da comunhão que existe entre os religiosos das Américas.

◆ Anseio comum: inserir mais a vida religiosa no meio-ambiente de modo a tornar-se promotora da pessoa humana, da justiça e da vida de fé.

◆ Interesse pela promoção e valorização da mulher na Igreja e na sociedade.

◆ Notável preparo e equilíbrio das religiosas presentes ao Encontro.

### **Perspectivas da vida religiosa**

Progressiva radicalização evangélica. Exigência de qualidade na vida religiosa. Crescente consciência do dever profético da vida religiosa.

Revalorização dos carismas enquanto espírito e mentalidade. Novo sentido de missão: viver com; não trabalhar para. Integração do binômio consagração-missão. Vida religiosa mais apreciada como consagração, não como serviço. Gratuidade, dom de si e atitude de serviço. Desejo de partilha; sensibilidade social. Apoio à socialização e à personalização. Mais engajamento com os pobres. Maior valorização da pessoa e menos das estruturas. Crescente interdependência: homem-mulher, países-continentes.

A equipe de teólogos da CLAR sintetizou assim as perspectivas da vida religiosa na América Latina:

Vida religiosa mais autêntica; mais latino-americana; mais comprometida com a América Latina; mais integrada na pastoral; mais fraterna.

### **Conclusão**

A II Reunião Interamericana de Religiosos marcou um passo importante no relacionamento entre os religiosos da América do Norte e da América do Sul. Ninguém se apresentou como auto-suficiente. Todos trouxeram boas contribuições de experiências e reflexão. Vieram muito conscientes das limitações e da necessidade de ajuda de lado a lado. Reinou sempre muita cordialidade. Espírito fraterno e otimismo realista quanto ao futuro da vida religiosa.

**Irmã Jeanne Dusseault, CSC**  
II Reunião Interamericana de Religiosos  
Bogotá, Colômbia, outubro de 1974

# **A VIDA RELIGIOSA E A EVANGELIZAÇÃO NO CANADÁ**

## **Introdução**

A vida religiosa no Canadá sempre foi parte integrante da realidade sócio-cultural do país. Os religiosos e as religiosas foram sempre classificados em nossa sociedade como agentes e promotores de serviços essenciais nos planos da educação, da saúde, da assistência, etc. Como a mesma Igreja canadense, da qual os religiosos foram construtores do Atlântico ao Pacífico, os religiosos desempenharam um papel decisivo na história difícil e, às vezes, angustiosa deste país.

Nada, pois, a estranhar se a vida religiosa canadense se vê sacudida pela crise atual da Igreja e pelos impactos das mudanças que atingem as coletividades. É a consequência lógica da história comum e da solidariedade recíproca. A história se acelerou de maneira extraordinariamente rápida e complexa. Com boa do-

se de humor, um irmão educador de Quebec, descreve assim a situação sob o ângulo do desajuste e da adaptação:

“A nós que temos entre 30 e 45 anos, estão nos pedindo uma passagem: do colarinho eclesiástico ao terno e gravata e à roupa esporte; do gregoriano à música pop; do órgão à guitarra; do federalismo ao separativismo; de Pio XII a João XXIII; do latim à língua vernácula; da conformidade a um modelo comunitário a um trabalho isolado e externo. Penso que estão pedindo demais de nós que, nesta idade, estamos passando por profundas mudanças”.

O que importa neste momento de mudanças é olhar os fatos com certo distanciamento e fazer a leitura da história, colocando-nos do lado de Deus, como escreveu Péguy. O que importa é, com a ajuda do Espírito, interpretar, ao menos provisoriamente, o que se passa em nós.

Se pudesse, diria que a primeira grande constante nesta leitura da história é esta: Deus nos desinstalou e não nos deixa voltar atrás. E como segunda constante: ao obrigar-nos a esta experiência, que não quisemos nem previmos, Deus nos conduz à procura dele e de nós mesmos.

Nesta perspectiva, uma análise da vida religiosa no Canadá, tal como se revela hoje e se encarna naqueles que estão comprometidos com ela, exige, em primeiro lugar, um esclarecimento a respeito de certas eta-

pas da evolução, etapas vistas no plano das atitudes e dos comportamentos, no plano da linguagem. Veremos que tudo se revela em termos de tendências mais do que de situações adquiridas.

Entendidas estas etapas dentro desta perspectiva que aponte, passarei a mostrar em que sentido caminham os religiosos do Canadá: leitura da vocação religiosa, atualização da vocação em formas renovadas, conseqüências globais na evangelização.

## I — Etapas de uma recente evolução

**a) Esforço de renovação mediante uma legislação adaptada.** O Concílio Vaticano II foi o ponto de partida. Para entrar no espírito do Vaticano II, foram empreendidas importantes reformas legislativas nas comunidades religiosas. As Constituições foram reeditadas num novo espírito, mais teologal, mais personalista, mais dinâmico.

Num primeiro momento, estas reformas foram tomadas como abrandamento das estruturas, abolição de práticas obsoletas, simplificação ou desaparecimento do hábito distintivo. Para a maioria, uma espécie de libertação. E também uma impressão nova e marcante de disponibilidade para as novas tarefas da Igreja no mundo de hoje.

O que as Constituições ofereciam de densidade espiritual, de atualidade eclesial, de inspiração apostólica, teve menor importância imediata neste momento da evolução,

do que se poderia prever. Isto se deu porque o melhor das energias requeridas pelas adaptações pouco valeu como animação e reflexão em profundidade a partir das mesmas Constituições; porque os religiosos já haviam se acostumado a buscar em outras fontes seu dinamismo, seu alimento, sua interpelação: a palavra de Deus, o risco do serviço e do compromisso, etc.; e também porque uma interpretação das Constituições, feita através de antigos esquemas de pensamento e de conduta, esconde o valor e torna insípido o lêvedo.

Depois de algum tempo de experiência, muitos religiosos e, entre estes, os mais generosos, se decepcionaram e aguardavam outro impecto, outra alternativa. A onda de saídas, a ausência de relevo, as dificuldades de inserção numa sociedade laicizada e alheia à contribuição dos religiosos, o pouco apreço

da mesma Igreja para abrir-se a novos ministérios, sobretudo para as religiosas, foram algumas das causas do mal-estar e do sofrimento vividos pelos religiosos.

**b) Crescimento do interesse pela reflexão sobre a vida religiosa em si.** Simultânea à experiência dos religiosos sobre a insuficiência do esforço legislativo e dos arranjos exteriores para assegurar por si sós uma reanimação da vida religiosa, aparece um crescente interesse pela reflexão sobre a vida religiosa em si mesma. A que atribuir este recrudescimento?

Atribua-se a uma tomada de consciência pessoal e coletiva dos religiosos, tomada de consciência que leva a dois pontos essenciais:

**1.** A vida religiosa, como vocação e como sinal na Igreja, se encontra numa situação de crise: crise de identidade, comum a uma vasta gama de valores que alcança conjuntamente a realidade eclesial confrontada com o novo mundo. É preciso, pois, que os religiosos reidentifiquem sua vocação, descubram novamente a originalidade primeira dos compromissos cristãos, para poder reassumir a vocação com especificidade. O primeiro passo, portanto, para os Institutos foi determinar sua identidade e sua missão própria.

**2.** As adaptações, o abrandamento, a reestruturação, foram necessários. O esforço que representaram foi prioritário a qualquer outra coisa. Representa outro esforço para evidenciar o absoluto do projeto religioso. Em todos os níveis, desde os Capítulos Gerais até as comunidades locais, esta reflexão sobre a

vida religiosa, está presente, como polo de busca e instrumento de renovação. Na medida em que esta reflexão atinge a vida, comunica ao compromisso religioso uma nova vitalidade que brota inteiramente da preocupação primordial de ser para Deus e de viver para o reino.

**c) Interiorização e avaliação das mudanças.** No momento atual, parece-me que os religiosos canadenses, como tais, sentem, em geral, a necessidade de voltar sobre si mesmos, fazer mentalmente um retrocesso, fazer um tempo de silêncio. Desde o começo da história de nosso país, os religiosos estiveram massivamente presentes em amplos setores da vida; falaram pouco, mas sua linguagem era entendida pelo conjunto do povo. Agora os tempos são outros. Os religiosos não dispõem da importância de que gozaram nem do prestígio dos instrumentos que manipularam. Estão sendo levados por um só dinamismo e para os meios pobres.

Pararam, então, para interiorizar o que viveram nos últimos anos pressionados pelos acontecimentos. Presença discreta no meio do povo, a título de trabalho, de amizade, de ajuda mútua, de celebração. Silêncio ativo como o silêncio da germinação, donde haverá de nascer, se Deus quiser, uma nova linguagem, um novo estilo de missão, e, sem dúvida, um novo tipo de religiosos.

As etapas desta evolução não terminaram. Há muitas circunstâncias destas etapas já vividas que se sobrepõem à realidade. É certo que o movimento de evolução que parte da periferia atinge o núcleo mesmo do mistério do compromisso religioso.

## II — Uma releitura da vocação religiosa

Um novo tipo de religiosos parece que começa a despontar. E vem caracterizado por uma sensibilidade diferente: sensibilidade nascida com os tempos novos, marcada pelas grandes aspirações do homem contemporâneo, marcada pelo primado, aliás reconhecido pela própria Igreja, dos “valores superiores do amor, da amizade, da oração, da contemplação”. É à luz particular destes valores que o religioso canadense começa sua verdadeira releitura do projeto religioso, distinguindo bem: a vocação em si mesma e a forma de vida na qual se atualiza.

**a) A nova sensibilidade descobre o essencial da vocação religiosa mais em termos de comunhão do que de ascese.**

◆ **Comunhão com Cristo** que se converte cada vez mais no centro da vida, na rocha sobre que se fundamenta a consagração religiosa. Ao longo daqueles anos que poderíamos chamar de prósperos, muitas entradas na religião foram motivadas por alguma coisa distinta do seguimento de Cristo para viver em radicalidade. Também não se pode considerar, dada a situação privilegiada da vida religiosa em nosso país, que com o fim primordial de colocar-nos a serviço dos irmãos ou de alcançar certa excelência pessoal, isto não tenha podido ser um projeto humano válido. Os religiosos de hoje sabem, ou estão a caminho de o saber, que o chamamento é um chamamento específico, religioso; que a resposta a este chamamento requer a adesão na fé, à pessoa e à palavra de

Jesus Cristo e que esta adesão é totalmente posta nele. Assim o voto tem sentido.

◆ **Comunhão com os outros.** O seguimento de Cristo, radicalmente primordial, é inseparável, entre os religiosos canadenses, de uma vontade de estar com os demais, uma experiência de comunhão. A comunidade que se forma é olhada como “um acontecimento em si mesmo. É a história da salvação a caminho da realização”. É neste sentido que se quer viver a comunidade, construir a comunidade.

É claro, exige-se grande qualidade nas relações interpessoais. É uma das aspirações mais focalizadas pelos religiosos canadenses. Se o chamamento à vida religiosa é um chamamento para viver juntos em Jesus Cristo e em seu amor, é preciso amar uns aos outros com esta verdadeira amizade que dilata o coração e faz a vida feliz.

Este amor de comunhão precisa transbordar-se pelos muros da casa religiosa. O carisma comunitário que implica a vocação religiosa tem algo a ver com o crescimento da mesma Igreja e com a salvação do mundo, sempre, porém, com a condição de que os religiosos não vivam este carisma apenas para eles mesmos.

A vida em sociedade — e os religiosos são ainda seres sociais — se converte numa vasta realidade espiritual: disposição permanente para comunicar ao outro o melhor de si mesmo e aspiração comum a um

constante enriquecimento espiritual (Pacem in Terris, 36). É neste contexto que se entendem a pobreza e a castidade.

**b) A nova sensibilidade vê igualmente a vocação religiosa mais em termos de liberdade, de auto-responsabilidade do que de submissão passiva e de abdicação de si mesmo.**

Como resposta ao Espírito, a vocação religiosa é vista como aventura num espaço privilegiado de liberdade, de tomar a responsabilidade de si mesmo, do mundo e da Igreja.

O religioso canadense é cada vez mais consciente de sua vocação fundamental, de sua mesma pessoa em virtude de seu chamamento. Acolheu com alegria as afirmações dos últimos papas que fazem todo ser racional responsável de seu crescimento e de sua salvação, responsável de seu próprio bem. "Minha vida, ninguém a pode tomar. Sou eu quem a dou" Jo 10, 18, deve poder dizer com toda verdade.

Nesta perspectiva, a relação com Deus (Deus criador, o Espírito que faz novas todas as coisas, com Cristo, princípio e fim de todas as coisas) é analisada como geradora de criatividade, de iniciativa, de desenvolvimento harmonioso. Neste sentido se caminha para uma comunidade de religiosos autônomos e responsáveis por sua própria obediência.

### **III — A VR atualização da vocação religiosa**

Os religiosos canadenses buscam, pois, ler de novo seu próprio chamamento; situá-lo em sua própria dimensão. Oração, reflexão comuni-

**c) A vocação à vida religiosa é entendida finalmente mais em termos de inserção e de compromisso com, do que como retiro ou fuga do mundo.**

Um religioso resume assim este aspecto:

"O VEM de sua vocação, os religiosos o entendem possível no meio dos homens, no coração de uma Igreja imersa na história dos homens: O Cristo que convoca é alguém que atua no mundo, que está presente na aventura humana, presente nos acontecimentos e nas pessoas. Sendo assim o VEM de um Jesus encarnado e que vive no mundo de hoje, a vocação dele proveniente não pode abstrair do mundo, como algo isolador e intimista, mas precisa ser a projeção de uma missão neste mundo. Se há uma radicalidade no chamamento, esta depende do absoluto de Jesus que exige a vida toda para sua pessoa e para sua obra de salvação".

Depois disto, as orientações pessoais podem diferir, a inserção pode efetuar-se no plano das Igrejas Locais, das coletividades descritianizadas, dos marginalizados de toda ordem, podem orientar-se para o Terceiro Mundo ou para lugares de missão, para os meios desfavorecidos, para os meios profissionais, é uma questão de chamamento e de manifestação da diversidade mesma da graça.

tária, recurso a palavra de Deus são partes integrantes destes passos. Além das obras e dos serviços, além dos questionamentos e das experiên-

cias, há um voltar-se para o Deus da vocação, que chama cada um, por seu nome e em seu tempo certo; há um voltar-se para isto: cada Congregação recebe em definitivo sua missão, que é antes de tudo, propiciar meios e clima apropriados para o crescimento e o florescimento das vocações que Deus suscita e envia. As vocações são para Deus e para a Igreja, antes mesmo de serem para as Congregações.

Esta ótica é relativamente nova com respeito a tudo o que se viveu de fato no passado. Corresponde, em termos de cultura, ao que já escrevi em termos de sensibilidade.

Este ponto-de-vista supõe, basicamente, uma concepção particular de comunidade religiosa. É, antes de tudo, uma comunidade de pessoas. São as pessoas, únicas e singulares, que são chamadas e que se comprometem com o seguimento de Cristo, com os irmãos que ouviram o mesmo chamamento. Sob a ação do Espírito, cada pessoa é o primeiro artesão e o primeiro responsável de seu crescimento. Comunidade de pessoas, também comunidade de fé, neste sentido:

1. A comunidade nasce da opção da fé de seus membros. Estreita-se por um desejo de viver a fundo o risco e a loucura de crer em Deus que vem e que veio e virá sempre.

2. Esta comunidade não se funda "nem na carne nem no sangue". Existe somente porque recebe esta graça do Espírito. Sabe que não alcançará seus fins a não ser na docilidade constante a este mesmo Espírito.

3. Esta comunidade não busca o poder. Não se transforma com rela-

ções de força. Os meios de que se utiliza são para o crescimento e a comunhão de seus membros, em vista da implantação do Reino, um reino para pessoas.

**a) Este ponto-de-vista pede uma nova concepção de autoridade e, ao mesmo tempo, da obediência.**

1. Se a comunidade religiosa é comunidade de pessoas, é lógico que as estruturas necessárias para a marcha do grupo devem ser personalizantes. Por isso os religiosos pedem particularmente: ● Um exercício adulto da liberdade e da responsabilidade (Deus criou o homem livre e responsável). ● Clima para relações e comunhão de pessoas (Deus é relação e comunhão). ● Libertação da vida para que possa crescer e se expressar (Deus é vida e palavra).

Nesta mesma lógica, pede-se que os superiores que estão, antes de tudo, a serviço da vida das pessoas e das comunidades, repartam com outros tudo o que pode ser repartido, numa linha de subsidiariedade vivida entre pessoas adultas, em quem se pode confiar, como Deus confia e cujo Espírito habita nelas e as move.

2. A obediência religiosa, nesta perspectiva, há de ser também a obediência de uma pessoa. Situa-se no plano da fé e na sua lógica. Os religiosos canadenses cada vez mais fazem consistir sua obediência numa busca, com os superiores, da vontade de Deus para eles. Uns e outros se colocam então numa escuta sincera do Espírito e se ajudam mutuamente a discernir o que Deus quer, o que Deus diz à consciência.

Um ato que é conseqüência desta atitude de fé é fidelidade ao Espírito. O superior, em virtude de seu mandato, confirma para os religiosos a vontade de Deus tal como se manifestou na busca conjunta. Se o religioso quer que sua obediência seja fidelidade a Deus na fé, quer também que seja fidelidade a todo o seu ser de homem. Esta vontade é tanto mais forte quanto mais longo é o passado a ser esquecido. Um passado em que os esquemas de conduta, o mérito da obediência, o ideal da regra viva, a sacralização das atitudes religiosas, prejudicaram as consciências e feriram as pessoas. O religioso canadense quer agora sentir-se adulto e livre, diante de si e diante de Deus.

As comunidades precisam descobrir o que deve ser a obediência religiosa para o nosso meio e para a nossa época. Têm, ao mesmo tempo, de reivindicar um tipo de autoridade-serviço que torne possível esta obediência. Isto é tanto mais necessário quanto o religioso, comprometido com atividades na cidade, como profissional de tempo integral, se vê obrigado também a exercer em sua comunidade, um ministério, uma função, uma profissão. Tal religioso deve poder assumir pessoalmente um amplo campo de decisões e de iniciativas que não tocam diretamente a obediência religiosa, mas a sua consciência pessoal e profissional. Nestes campos, ele responde também diante de outros chefes.

Isto é ainda necessário, se se quer que a vida religiosa não seja proibida para aqueles que seus dons naturais ou as disposições da Providência comprometeram em atividades

mais parecidas com aquelas que os homens de hoje desempenham, atividades inseparáveis das realidades sindicais, políticas, etc. "O futuro da vida religiosa no Ocidente está ligado em grande parte à resposta que se der a este problema", já se escrevia em 1969.

**b) Esta opção implica finalmente a necessidade de uma formação pessoal renovada.**

Esta questão é central. Trata-se de fazer dos religiosos, antes de tudo, homens de Deus. Formar somente para os votos como tais, hoje não basta mais. "Urge formar para a fidelidade aos desarraigamentos que eles exigem, numa vida de liberdade cada vez menos programada, cada vez mais aberta aos imprevistos, aberta ao projeto religioso.

Neste campo há muita coisa a se fazer entre nós. Salvo os muito jovens — e estes são muito poucos — os religiosos, em geral, receberam uma formação humana e espiritual concebida para outros tempos. Muitos religiosos e religiosas tiveram de enfrentar, insuficientemente preparados, situações inéditas. Muitos foram bem sucedidos frente às lutas; mas um número demasiadamente grande foi derrotado ou vive na insegurança.

O que parece haver faltado (com facilidade se vê numa retrospectiva) e que as comunidades devem recuperar agora, é a preocupação primordial para ajudar as pessoas a viver seu ser e, por isso mesmo, a construir-se sem cessar. Instaure-se, pois, pouco a pouco, nas comunidades uma mentalidade fundada no respeito prioritário das necessidades fun-

damentais das pessoas. Logo, é urgente oferecer aos religiosos a possibilidade de uma formação continuada.

1. Esta formação deve permitir a cada um: ● Encontrar ou voltar a encontrar, idade por idade, a estabilidade de seu ser interior. ● Libertar em si as fontes da vida e do amor que o capacitam a ser, idade por idade, aquilo para o que Deus o criou. Esta libertação o colocará em relação harmoniosa com os demais.

2. Esta formação deve colocar cada um em contato vital e existencial com a palavra de Deus: ● E mediante esta palavra, aprofundar, idade por idade, o conhecimento interior da pessoa de Cristo, centro de nossas vidas. ● Por esta palavra, alimentar a oração e iluminar, em sua verdadeira luz, os chamamentos e os sinais do Espírito.

Trata-se “realmente de criar uma nova cultura de base para as pessoas comprometidas com a vida religiosa. O espírito de cada Instituto nada perderá e a síntese de cada religioso será enriquecida, a partir dos carismas e de seus próprios interesses.

#### **IV — Evangelização**

Muitos elementos que pertencem à evangelização, estão espalhados naquilo que dissemos a respeito da vida em comunhão. Por exemplo: a relação autoridade-obediência frente a uma presença profissional ao mesmo tempo evangelizadora nos diferentes meios da cidade secular; a formação pessoal orientada para a

libertação interior; a escuta aos chamados do Espírito, etc. Devo indicar agora alguns elementos complementares para o conjunto de minha exposição.

##### **a) Uma nova espiritualidade da evangelização.**

1. Tomando a palavra evangelização no seu sentido amplo, direi que a experiência recente e certa moção, que parece vir do Espírito, levam a refletir que a primeira evangelização é aquela que se deve fazer dentro das mesmas comunidades religiosas. As comunidades devem trabalhar com senso de prioridade e pedir a Deus que ele mesmo as evangelize.

2. Na perspectiva da formação continuada, tal como expus, cada religioso sustentado e orientado pela comunidade, deve tomar com empenho sua própria evangelização, pedi-la ao Espírito, persegui-la toda a vida. A evangelização para o exterior, extrinsecamente, é apenas uma derivação.

##### **b) Evangelização e envelhecimento dos efetivos.**

Dentro de outro aspecto, exigem-se algumas disposições no interior das formas de vida religiosa para se conformar às necessidades atuais da evangelização. Isto levanta um primeiro problema: é crescente o número dos religiosos que atingem cada ano aquela idade em que se delineiam com nitidez os limites possíveis de adaptação das faculdades.

Sem dúvida, é uma necessidade prever para eles condições tais que eles se encaminhem para Deus e

conservem unidos de coração ao trabalho da Igreja e à missão do próprio Instituto. Porém, para que a vida religiosa seja fiel a si mesma no Canadá, para que ela continue ativamente evangelizadora, deve encontrar os meios que permitam às comunidades prestar uma atenção particular a seus membros mais jovens, aos que estão na plenitude das forças, e que levam, num tempo difícil, o peso do dia e do calor.

Um documento da Conferência dos Religiosos do Canadá propunha: "que os superiores ataquem o problema maior, que engloba todos os demais e que deve atrair sua atenção prioritariamente no transcurso dos próximos anos. Este problema parece ser: reinventar a vida religiosa de maneira global em termos de valores sociais, de atitudes e de comportamentos adaptados a nosso tempo e ao nosso meio".

### **c) Evangelização, comunicação e testemunho.**

Um número crescente de religiosos fizeram, nestes últimos anos, experiências de vida em pequenos grupos, em meio e em contextos diversos. Apesar de alguns fracassos, atribuíveis a fatores de toda espécie e que permitiram os ajustes necessários, pode-se afirmar que, na multiplicação de células de vida religiosa no meio do povo, há uma abertura para a evangelização. "A evangelização se fundamenta no aumento das células locais e no testemunho que elas oferecem ao meio onde se inserem", diz um documento da CRC. Mas é preciso avaliar as experiências.

◆ **Em seu espírito.** Muitas Pequenas Comunidades se constituíram "segundo o tipo organizativo das comunidades de outros tempos, não segundo o tipo de comunhão. Corre-se então o mesmo perigo: cair na sociedade burguesa". Seria preciso, dar-lhe a primazia sobre a organização.

◆ **No seu campo que precisa ser ampliado.** Assistimos no momento a um despertar, a uma abertura comunitária. É uma das características do cristianismo que está nascendo e que precisamos construir. Este desabrochar abre um campo privilegiado de evangelização para os religiosos. Penso nos grupos carismáticos, nas comunidades de base, nas Pequenas Comunidades "de tipos muito diversos, a partir das quais o tecido eclesial está se refazendo. Precisamos estar presentes. Como?"

Só estaremos presentes por meio do testemunho. Isto é parte integrante da missão evangelizadora da vida religiosa hoje, suscitar, engendrar, sustentar testemunhos que respondam às necessidades do meio. Testemunhos inseridos na carne viva do mundo profano, testemunhos de liberdade, cujos passos inéditos e criadores, abram caminhos para o futuro.

Esta forma de evangelização, nascida das necessidades da sociedade canadense, será possível apenas quando os religiosos forem radicalmente homens e mulheres de Deus, que vivam de verdade e de maneira legível para seus contemporâneos, os valores sobre os quais se funda sua consagração.

**Crédito—**

Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

**Distribuição e venda—**

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

**Investimentos —**

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa  
presta todos  
os serviços  
de um banco de  
investimento.  
E está entre os  
10 grandes.**

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução.

Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento.

Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

**Conselho de Administração**

*Presidente*  
Juscelino Kubitschek de Oliveira

*Conselheiros*  
Lucas Lopes  
Baldomero Barbará Filho

Louis Steuerman  
Luiz G. de Souza Lima

Victor Nunes Leal  
Fernando Geraldo Simonsen  
Mme. Lilliane V. Schneider

**Diretoria Executiva**

*Presidente*  
Baldomero Barbará Neto

*Vice-Presidentes*  
Rodrigo P. de Pádua Lopes  
Rodolfo E. Antici  
Carlos Alberto Mendes  
Henrique Souza Lima

*Diretores*  
Roberto Lima Neto  
Lúcio Santos Pereira  
Marcos Milliet  
José Guilherme Padilha  
Cel. Mucio Scorzelli

**Diretoria Adjunta**

Carlos Murilo F. dos Santos  
Wladimir Rioli  
Júlio Rego  
Evandro F. Paiva

# Banco Denasa de Investimento S.A.



Denasa - Desenvolvimento Nacional S. A.  
Crédito, Financiamento e Investimentos  
Denasa S. A. - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários  
Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.  
Denasa Leasing S. A.  
Denasa Marketing e Comunicação Ltda.  
Denasa Sistemas e Métodos S. A.  
Denasa Imobiliária S. A.  
Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.  
Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro - Rua da Alfândega, 28 - Tel.: 244-5022  
São Paulo - Rua da Consolação, 368 - Tels.: 256-8696 - 256-7880  
Belo Horizonte - Av. Augusto de Lima, 150 - Tel.: 26-9751 e  
Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel.: 22-1577  
Brasília - Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M  
Lojas 3 e 6 - Tels.: 24-8609 - 24-9609  
Porto Alegre - Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140